



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE REFERÊNCIA EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS DO TRÓPICO ECOTONAL
DO NORDESTE (TROPEN)
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE (PRODEMA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
(MDMA)
SUBPROGRAMA PRODEMA/TROPEN/PRPPG/UFPI
CURSO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

**A INSERÇÃO DA MULHER CAMPONESA NA ATIVIDADE APÍCOLA DA
COMUNIDADE DE MOREIRA - PI**

Camila Marques Maton

Teresina – Piauí
2015

CAMILA MARQUES MATON

**A INSERÇÃO DA MULHER CAMPONESA NA ATIVIDADE APÍCOLA DA
COMUNIDADE DE MOREIRA - PI**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa da Universidade Federal do Piauí como exigência para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal do Piauí - PRODEMA/ UFPI/ TROPEN.

Orientadora: Prof^a Dr^a May Waddington Telles Ribeiro

Teresina-Piauí
2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

M433i Maton, Camila Marques.
A Inserção da mulher camponesa na atividade apícola da comunidade de Moreira - PI / Camila Marques Maton. – 2015.
112 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Teresina-PI, 2015.
“Orientação: Prof^a Dr^a May Waddington Telles Ribeiro”.

1. Gênero. 2. Campesinato. 3. Agricultura Familiar. 4. Apicultura e Sustentabilidade. I. Título.

CDD 638. 109 812 2

CAMILA MARQUES MATON

**A INSERÇÃO DA MULHER CAMPONESA NA ATIVIDADE APÍCOLA NA
COMUNIDADE DE MOREIRA - PI**

Trabalho apresentado ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de Concentração: Desenvolvimento do Trópico Ecotonal do Nordeste. Linha de Pesquisa: Políticas de Desenvolvimento de Meio Ambiente.

Prof. Dra. May Waddington Telles Ribeiro
Presidente

Gabriela Narezi (UFSB)
Membro Externo

Antônio Cardoso Façanha (UFPI)
Membro Interno

AGRADECIMENTOS

Agradeço! Agradeço a Universidade Federal do Piauí - UFPI, ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, aos funcionários Maridete Alcobaça, José Batista e Raimundo Oliveira, ao coordenador no período de ingresso no mestrado, Dennis Carvalho e a atual coordenadora Roseli Barros.

Ao corpo docente Socorro Lira, Gerson Albuquerque, Jaíra Alcobaça, José de Ribamar, Antônio Façanha, Ricardo Allagio, aos professores Carlos Buenos Ayres e Francineide Pires pelas disciplinas cursadas no mestrado de Sociologia. Ao professor José Luís Lopes (MDMA-PI) e a professora Maria José Carneiro (CPDA-RJ) que contribuíram no período da qualificação. A Professora Wilza Lopes por avaliar a dissertação (ainda em seu estágio inicial) em Natal. A professora Lídia Noronha por me apresentar a Antropologia em 2008.

A professora e orientadora May Waddington Telles Ribeiro pelo incentivo, atenção, aprendizado, orientação, paciência e pela Ciência a mim destinada ao longo de vários anos de UFPI e de Piauí.

A todas as mulheres da Comunidade Moreira-PI, em especial a Dona Adélia e família (José, Jussara, Mateus e Beatriz) que de prontidão me hospedaram durante as aventuradas viagens de pesquisa de campo.

A todos os apicultores e apicultoras da Comunidade Moreira, até aos que não são, mas também queriam dar entrevista.

A Cooperativa Mista da Microregião de Simplício Mendes - COMAPI e seu gerente comercial Paulo José que nos recebeu e nos guiou a Comunidade estudada.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão de bolsa de estudos.

A turma 2013-2015 que contribuíram cada um ao seu modo, para um aprendizado interdisciplinar e que juntamente trilhamos o mesmo objetivo.

Aos amigos que estiveram e estão presentes na minha vida como forma de expressão das suas respectivas amizades: Auricélia Soares por simplesmente me ensinar o que é ser uma amiga, Emanuel Soares pelo carinho e atenção de sempre, Anatesia Duarte pela ligação eterna, Taline Araújo pela sinceridade e bem querer, Laura Araújo pelo cuidado e boas vibrações, Kelly Nayara por tudo que me fez e faz de bem, Amanda Arêa Leão que mesmo de tão longe me apoia e ouve via Skype, Laiz Mara por sua música muitas vezes ouvida nos momentos delicados dessa dissertação e a prima Giovanna Maton por seu olhar de esperança.

Aos meus padrinhos Paulo Dantas e Mercês Dantas pelo carinho e auxílio financeiro.

Ao tio João Maria Maton Filho pelo apoio, incentivo e auxílio financeiro.

A tia Isabel Soares Costa por todo Amor e ternura.

Ao Núcleo e a irmandade do Núcleo Mestre Adamir pelos momentos de paz e pela festa que fazem em minha vida.

As minhas irmãs Aline Jordana Marques Maton e Poliana Marques Maton em especial a Poki que é o abraço de todos os dias e a fonte da palavra amiga.

Aos meus pais Joaquim Marques dos Santos Filho e Sandra Maria Maton Marques dos Santos, por tudo que há de bom em mim, por terem nos dedicado (a mim e minhas irmãs) suas próprias vidas, agradeço de todo meu coração e por todo meu coração, porque pulso e habito com o Amor que um dia cultivaram em mim.

Finalmente agradeço ao Mestre por toda a Luz, Paz e Amor!

Com gratidão,

Camila Maton.

FIGURA 1-Casa de D. Adélia Mauriz, onde estive hospedada durante a etnografia.



Fonte: MATON, C. 2013.

“A presente dissertação é um registro de um pensamento que aos poucos foi sendo construído, aprendido, podendo ainda ser reaprendido, refeito e redito à luz da Ciência”.

Camila Maton

RESUMO

O objetivo desta dissertação é a busca por uma compreensão antropológica das relações de gênero na atividade apícola que vem sendo desenvolvida em uma comunidade do semiárido do Piauí. Tendo por base alguns conceitos de campesinato e sustentabilidade, buscaremos um diálogo entre o espaço geográfico apícola e as relações de gênero que lá se estabelecem. Com ênfase na Comunidade Moreira à 18 km de Simplício Mendes-PI, serão analisados os diversos papéis exercidos por mulheres e de que forma se dá a inserção destas na atividade apícola. A pesquisa está direcionada para a observação da dinâmica econômica local provocada pela atividade, buscando saber se o envolvimento da mulher no trabalho apícola promove alterações no seu papel social. Busca-se, ainda, registrar as alterações na percepção ambiental destas mulheres a partir de seu envolvimento na atividade. Assim, tendo como referência metodológica a pesquisa de campo com seus fundamentos de observação, registros de imagens e entrevistas, buscar-se-á mapear as relações sociais locais e as alterações vividas, de forma a conferir como a mulher desenvolve seu papel de mulher diante dos mais variados “afazeres”, seja na vida familiar, na agricultura ou na apicultura. Pretendemos constatar de quais formas a atividade apícola contribui para o empoderamento das mulheres visto que as levam a ultrapassar o espaço que tradicionalmente lhes tem sido socialmente delimitado, permitindo que desenvolvam novas formas de se portar e enxergar o mundo que a elas se apresenta.

Palavras-chave: Gênero. Campesinato. Agricultura familiar. Apicultura. Sustentabilidade.

ABSTRACT

The aim of this work is the search for an anthropological understanding of gender relations in beekeeping as being developed in a community of Piauí, based on concepts of peasantry and sustainability. We will seek a dialogue between the beekeeping geographic space and gender relationships as they are established. With emphasis on the Community of Moreira, 18 Km away from the Municipality of Simplicio Mendes-PI, the various roles played by women will be analyzed, as well as show their inclusion in the beekeeping. The research is directed to the observation of the local dynamics caused by this economic activity to find out how the involvement of women in this new work promotes changes in their social role. The aim is to also record changes in environmental perception of these women as derived from their involvement in the activity. Thus, with the methodological reference of ethnographic field research with its foundations on observation, photographic images and recorded interviews, it will map the local social relations and experienced changes in the way women develop their role on their various "tasks", be it in family, in agriculture or beekeeping. We intend to understand in what ways the beekeeping contributes to women's empowerment as it leads them to overcome the space to which they have been traditionally socially defined allowing them to develop new ways of behaving and seeing the world that they begin to witness.

Keywords: Gender. Peasants. Family farming. Beekeeping. Sustainability.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es la búsqueda de una comprensión antropológica de las relaciones de género en la apicultura que se desarrollan en una comunidad de Piauí, en base a algunos conceptos de campesinado y la sostenibilidad, vamos a buscar un diálogo entre el espacio y las relaciones geográfica apicultura género que se establecen. Con un énfasis en la Comunidad Moreira 18 kilometros Simplicio Mendes-PI, se analizarán las distintas funciones que desempeñan las mujeres y cómo se encuentra la inclusión de éstos en la apicultura manera notable y necesario. La investigación está dirigida a la observación de las dinámicas locales causados por la actividad económica para averiguar acerca de la participación de las mujeres en el trabajo apícola promueve cambios en su papel social. El objetivo es también registrar los cambios en la percepción ambiental de estas mujeres de su participación en la actividad. Así, con la referencia metodológica para la investigación de campo con sus fundamentos de observación, Fontes y entrevistas registros, se buscará trazar lo local las relaciones sociales y los cambios experimentados. Por lo tanto, dando a la mujer desarrolla el papel de su mujer en los diversos "tareas", ya sea en la agricultura o la apicultura. Por lo tanto, la apicultura se caracteriza por elementos del medio ambiente, se trata de física del medio ambiente, la floración de la abeja (*APPIS mellifera*) producirá miel orgánica; económica, ya que representa una mejora en la situación económica de los elementos familiares y sociales, podemos ver que las mujeres que entran en la apicultura. Tenemos la intención de darse cuenta de qué manera la apicultura contribuye al empoderamiento de las mujeres, ya que se necesita para superar el espacio que tradicionalmente se ha definido socialmente ellos que les permite desarrollar nuevas formas de actuar y de ver el mundo que estén presentes.

Palabras clave: Género. Campesinos. Agricultura familiar. La apicultura. Sostenibilidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 -	Casa de Dona Adélia onde fiquei hospedada	6
FIGURA 2 –	Localização	23
FIGURA 3 –	Vista aérea da cidade de Simplício Mendes	24
FIGURA 4 –	Dona Adélia, apicultora	25
FIGURA 5–	Grupo trabalhando com centrífuga na Casa do Mel	41
FIGURA 6 –	Grupo trabalhando na Casa do Mel	41
FIGURA 7–	Um dos apiários de D. Adélia	46
FIGURA 8 –	Horta de verduras no quintal	55
FIGURA 9 –	Em entrevista com o padre Geraldo Gereon	69
FIGURA 10–	Um dos três caminhões da COMAPI	69
FIGURA 11–	Mel despejado na centrífuga da Casa do Mel	95
FIGURA 12 –	Caminhão da COMAPI recolhendo mel na casa de apicultor	95
FIGURA 13 –	D. Adélia despachando o mel para a cooperativa	96
FIGURA 14 –	Em visita a casa de casal de apicultores com D. Olinda	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADMA	Antropologia do Desenvolvimento e Meio Ambiente.
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
CASA APIS	Cooperativas Apícolas do Semiárido Brasileiro
CBA	Confederação Brasileira de Apicultura
CIEC	Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
COMAPI	Cooperativa de Mista da Microrregião de Simplício Mendes
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Agropecuária
FEAP	Federação das Entidades Apícolas do Piauí
IICA	Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura.
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA	Movimento de Mulheres Agricultoras
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
OMA	Organização das Mulheres Agricultoras
ONG	Organização Não Governamental
ONUAA	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
PRONAF	Programa Nacional de Agricultura Familiar
PUC - SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SDR-MI	Secretaria de Desenvolvimento Regional do Ministério da Integração Nacional
SIF	Serviço de Inspeção Federal
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNISOL	Unidade Central de Solidários

SUMÁRIO

SESSÃO I.....	21
1.1 A atividade apícola.....	21
1.2 Do tema e campo de pesquisa.....	21
1.3 As primeiras impressões.....	24
1.4 Metodologia.....	25
SESSÃO II- RETROSPECTIVA HISTÓRICA: MULHER, SOCIEDADE E AMBIENTE	28
2.1 A construção do conceito de gênero.....	28
2.2 Debate sobre a mulher camponesa e sua participação na apicultura.....	33
2.3 Contexto brasileiro: importância e cadeia produtiva do mel do Piauí.....	37
2.4 A Comunidade Moreira.....	40
2.5 O grupo de mulheres.....	44
SESSÃO III-MULHERES E O TRABALHO NA APICULTURA.....	47
3.1 A divisão sexual do trabalho e as desigualdades de gênero.....	47
3.2 A mulher inserida no Desenvolvimento Sustentável.....	49
3.3 Gênero e desenvolvimento.....	53
SESSÃO IV-COOPERATIVISMO: REFLETINDO SOBRE A ATUAÇÃO FEMININA E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	56
4.1 A apicultura se inter-relaciona no cotidiano das famílias.....	56
4.2 COMAPI: instituição e suas definições.....	60
4.3 O impacto de décadas de apicultura, narrativas e benefícios alcançados	62
4.4 Instituições de apoio e de suporte à COMAPI.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICES.....	86
ANEXOS.....	88

INTRODUÇÃO

Dos aproximadamente 190.755.799 milhões de brasileiros, 51,03% são mulheres. A zona rural do Piauí possui uma maior quantidade de mulheres que de homens (IBGE, 2010). Isso possivelmente se deve ao fato de as mulheres emigrarem para zona urbana menos do que os homens, embora, a maioria das mulheres não conte com o devido reconhecimento da sua condição de agricultora e camponesa. Mesmo assim, assumem de forma crescente a responsabilidade pelo grupo familiar que integram. Atualmente as mulheres seguem um aumento gradual na chefia das famílias brasileiras. Como indica Butto, “Na agropecuária, 11,4% dos lares eram chefiados por mulheres em 1993 e, em 2006, saltaram para 16,2%” (BUTTO, 2013, p.1).

A dissertação analisa como essa transformação tem se dado através da atividade apícola na comunidade Moreira - PI, mais especificamente, junto às mulheres camponesas, categoria social que tem sido estudada por vários autores desta temática.

Muitas são as interpretações a respeito do que é ser mulher e também acerca do feminismo. Ao longo das disciplinas do mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, matriculei-me na disciplina “Gênero e Sociologia: histórico, usos e possibilidades” sob responsabilidade da professora Francineide Pires que foi engrandecedor, embora as abordagens feministas partissem da perspectiva de que as mulheres deveriam incansavelmente lutar contra a opressão masculina. Foram estudadas autoras como Clara Zetkin - da Alemanha, Alexandra Kollontai - da Rússia, Emma Goldman - da Lituânia e Simone de Beauvoir - da França. As três primeiras são autoras feministas marxistas que buscavam em Marx não só as características específicas da opressão sobre as mulheres como também os meios de situar a luta das mulheres na história à luz de relações sociais gerais. Através do marxismo, as mulheres poderiam compreender suas práticas e, com isso, desenvolver objetivos e estratégias libertadoras. Enfim, estas autoras acreditavam que através do socialismo poderiam ser solucionados problemas específicos das mulheres, tais como o cuidado infantil, a maternidade e as tarefas domésticas. Lembrando que a primeira instância do socialismo é que toda pessoa é um trabalhador, compreendemos, portanto, que ao trabalharem, as mulheres vivenciarão conflitos nos papéis de esposa e mãe e suas responsabilidades profissionais (NYE, 1995, p.61).

Já Simone Beauvoir, estimulada por Sartre¹, tentou explicar o que é ser mulher e no livro “O segundo sexo” (1949), fazendo um exame da situação das mulheres, observou que as feministas cometiam o erro de concentrar-se no voto e em lutar contra inimigos externos quando os verdadeiros inimigos estavam introjetados em suas próprias mentes: os bloqueios preconceituosos, os temores que as impedem de viver plenamente. Beauvoir expôs as ilusões que Marx e sua teoria propunham a respeito da sociedade sem classes, ou da possibilidade e existência de uma sociedade universal, Nye afirmava que essa sociedade é utópica e que ocorre totalitarismos quando tratamos de absolutos, ou seja, o Marxismo seria falho (NYE, 1995, p.98).

Percebi ao decorrer da disciplina de Gênero, no mestrado de Sociologia, que não era essa a discussão que poderia me ajudar a compreender a situação das mulheres de Moreira, visto que observei que aquelas mulheres não buscam dar respostas a um machismo opressor. Estas estão apenas construindo suas histórias, trabalhando com apicultura ou não, desenvolvendo o papel que está sendo oportunizado através da cooperativa, através dos incentivos do nível mais pessoal (vizinhos, parentes) até os incentivos mais impessoais (instituições, bancos).

Compreendendo nossos sujeitos como pertencendo a um universo rural diferenciado daquele das lutas operárias, e que a compreensão propriamente antropológica requer outro tipo de reflexão, comecei a buscar orientações na antropologia do campesinato. Dentre outros autores, Anita Brumer, Maria José Carneiro e Parry Scott, em especial, contribuem teoricamente para a compreensão do papel da mulher na sociedade e na unidade produtiva. Desta forma será estabelecido diálogo com reflexões feministas não como determinantes, mas como forma de entrelaçar realidades práticas e teorias.

Na década de 1970 a maioria dos estudos do campesinato era voltada sobre o trabalho na família camponesa não havendo um recorte, uma problematização sobre gênero, embora já fosse presente tanto a participação da mulher nesse processo de construção teórica construindo com consistência os estudos sobre gênero, como sendo objeto de estudo. Maria José Carneiro (1985) observou a agricultura familiar e indicou que o mundo rural e as sociedades agrárias precisam ser repensados. Carneiro (1995) destaca a função que a mulher desempenha no meio rural como diferenciada, acreditando que há uma nova identidade rural na vida dessas mulheres, onde a mobilização é uma forma de visibilizar a sua participação na

¹ Jean Paul Sartre (1905-1980) filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade. Era militante, apoiou causas políticas de esquerda e foi companheiro de Simone Beauvoir.

produção. A legitimidade das reivindicações da mulher camponesa é observada quando encontramos o papel econômico que as mulheres desenvolvem nas unidades de produção. Entende-se que elas estão organizadas tanto familiarmente como no trabalho e esta organização na família se prolonga até o trabalho das mesmas, contribuindo assim para a dupla subordinação. A autora observa que essa reivindicação se justifica pelo fato de que “grande parte das mulheres está inserida em formas de organização familiar que conjugam funções reprodutivas e produtivas prolongando assim as atividades domésticas”. A autora reflete sobre a luta contra a “dupla subordinação”, citada acima, onde esta posição de subordinada seria algo estabelecido muito antes do trabalho, ou seja, na própria família, na própria relação com seus companheiros para sermos mais específicos (CARNEIRO, 1995, p.48). Esta questão sobre a subordinação da mulher será tratada e averiguada no decorrer da dissertação como forma de compreender as mudanças na comunidade Moreira e sua organização social diante de dinâmicas recentes.

Margarida Maria Moura contribuiu com um trabalho importante sobre herança com um livro nomeado “Enredos da Terra”, que foi publicado no ano de 1978. Enfocando a mulher no acesso a terra na região de Minas Gerais, analisou a relevância da herança no campesinato mineiro, percebendo que o patrimônio territorial herdado para descendentes diretos de um indivíduo, torna-se importante para assegurar a reprodução da área como camponesa, em que a herança desencadearia um papel estratégico. Seu trabalho analisou a distribuição das tarefas por sexo e idade de todos que ocupam o mesmo sítio, que geralmente são da mesma família, o que é o foco da pesquisa. Para a autora, a família compõe um grupo que está em permanente contato social e econômico tornando-se trabalhadores econômicos. Reflito sobre essa condição de trabalhador que interage na economia e na vida social como uma forma de firmar ainda mais seu trabalho, sua luta diária e sua consolidação no meio camponês. Com isso, é possível perceber as diversas áreas que as famílias transitam como uma estratégia de se “especializar”, de conhecer o trabalho para daí, receber os frutos.

Assim, o que podemos perceber sobre a economia de cada área considerada “sítio”, é o fato da “unidade de produção e a unidade de consumo estarem interligadas, traçando uma distinção das outras áreas e caracterizando uma economia camponesa fundamental...” (MOURA, 1978, p. 19).

Giralda Seyferth e Ellen Woortmann são duas importantes antropólogas que trabalhavam a questão da herança e do campesinato, observando a mulher como elemento necessário, mas não na perspectiva de gênero, no qual podemos compreender esse conceito como a forma de se ver e se comportar de cada um. Gênero se trata de uma forma de se

estabelecer contato com nossas próprias construções sociais e como nos reconhecemos dentro de uma perspectiva social que exige uma conduta característica do “ser homem” e do “ser mulher”. Na década de 1980 o tema gênero ganha maior visibilidade, emergindo estudos na área da Antropologia, a autora Ellen Woortmann atribui este aumento devido ao incentivo de agências financiadoras como: Fundação Ford, Carlos Chagas e CNPQ. Mesmo nesse momento em que as questões de gênero passaram a ter mais notoriedade, as mulheres mais pesquisadas eram as mulheres urbanas e da periferia, Sueli Kofes da UNICAMP, por exemplo, afirma que, quando fez seu estudo sobre a empregada doméstica, “nada conhecia sobre as chamadas ‘teorias contemporâneas de gênero’”. Buscou na Antropologia sustentação para compreender as diferenças sexuais presentes nos mitos, nas práticas de parentesco, na própria produção, nos rituais, nas relações sociais et al. (KOFES, 2001). É interessante o empenho da autora em descrever interpretações desafiadoras que convergem com o que há de mais importante nas reflexões atuais sobre gênero, consistindo no esforço de desconstruir categorias e relações supostamente fixas e naturalizadas pelas diferenças sexuais, e recontextualizá-las em termos históricos e culturais.

Ruth Cardoso estudou a condição feminina e criou na USP o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, Cyntia Sarti trabalhou as relações de gênero na periferia de São Paulo através da divisão de papéis nas famílias. Estas são as principais autoras, a maioria delas paulistas, que trabalharam a mulher em contextos urbanos. Destacou-se também na década de 1980 o GT da ANPOCS² com o título “Mulher na força de trabalho”.

A revista “Estudos Feministas” também se destaca como contribuição, pois é um periódico que objetiva divulgar textos científicos sob a forma de artigos, resenhas sobre gênero e feminismo, com textos que podem ser provenientes de diversas disciplinas como Antropologia, Sociologia e História. A revista inicialmente foi editada pelo CIEC/Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e hoje está sob a responsabilidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Vários textos da revista contribuíram para a construção desta dissertação.

Nos Estados Unidos, assim como na Inglaterra e na França, foram estimulados estudos sobre mulheres, devido ao movimento feminista na década de 1970. Martine Segalen, antropóloga francesa, estudou o meio rural francês, feminino e masculino, se

² Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Este ano de 2014 ocorreu o 38º Encontro Anual da ANPOCS.

complementando nas atividades. A autora destacou a importância do trabalho do homem e da mulher e assegurou que a qualquer nível econômico, é possível atestar que o futuro desta unidade de produção dependerá em grande proporção, do trabalho da mulher (SEGALEN, 1980, p.8). Compreende-se que a relação marido-mulher na sociedade camponesa é fundada não sobre uma autoridade absoluta de um sob o outro, mas sob a “complementaridade entre os dois”. A autora assinala a necessidade de desreificar a ideia de subjugação pura e simples e de ponderar a separação que normalmente é feita por teóricos das sociedades camponesas entre o domínio feminino relacionado à casa e o masculino à produção.

Verena Stolke, professora de Antropologia em Barcelona, também fez um trabalho relevante quando, em 1975, estudou mulheres boias-frias e todos os problemas com relação à exploração do trabalho, Verena nos mostra que o trabalho exercido pelas mulheres, se comparado com o do marido ou até mesmo dos filhos, tem uma remuneração menor. O caso por ela estudado que é o corte de cana-de-açúcar, o pagamento pelo trabalho acontecia como uma forma de simbolização de uma ajuda e essa “ajuda” não era responsável pelo sustento familiar, reafirmando ainda mais a não necessidade de pagamento justo por não haver a “necessidade direta” (NOGUEIRA, 2004, p.12). Essa é uma discussão presente nas famílias da Comunidade Moreira, onde muitas vezes a contribuição das mulheres é vista de maneira simbólica, mas ao observar os impactos positivos que essa contribuição gera no cotidiano das famílias e da Comunidade, perceberemos que a “ajuda” é essencial.

Parry Scott defendeu uma tese em 1981 “*Between capacity and the middle of the word: migration and house hold organization among rural workers in Brazil*”³, onde ele e seus alunos iniciaram pesquisas sobre a família e grupos domésticos no Nordeste, tanto em periferias quanto em áreas rurais contribuindo para os trabalho de gênero e geração. Estudando os papéis sociais na família camponesa, Scott discute como as relações familiares vão se reordenando no quesito, (consumo; produção; direitos; responsabilidades et al) e como os agentes dessa família, podendo ser mulheres, adultos, jovens e idosos lidam com essas reconfigurações sociais (SCOTT, 1981, p. 49).

Parry Scott faz considerações no livro “*Gênero e Geração em Contextos Rurais*”, mostrando que quanto mais as mulheres participam de alguma reivindicação, mais essa reivindicação estará presente no convívio familiar. Carneiro (2015) reflete sobre a mobilização para se alcançar os interesses coletivos através da organização política como uma das etapas de construção da identidade feminina. Ressalta, no entanto, que enquanto o papel

³ Entre capacidade e no meio da palavra: migração e organização de casa entre os trabalhadores rurais no Brasil.

da mulher no grupo familiar era múltiplo, a nova identidade ou “categoria social” que surge, advém, principalmente, da condição sua de produtora (como “quebradeira de côco”, “marisqueira”, etc). Com isso, um imaginário de uma mulher com a identidade baseada no trabalho, ou seja – a trabalhadora.

Segundo Jalil e Bordalo, a forma tradicional de hegemonia da família camponesa está articulada na produção, no consumo, na reprodução biológica e também vida social. A forma como essas famílias produzem acentua a complexidade, a unidade de produção se confunde, pois existem membros da família e pessoas externas a família na mesma unidade de produção (JALIL e BORDALO, 2009).

As autoras citam Carneiro ainda, para afirmar que:

essa ambiguidade onde as pessoas de uma mesma família trabalham juntas construindo a unidade de produção revela a complexidade da vida rural, onde as relações de gênero vai sendo definida muitas vezes de acordo com a condição que já é estabelecida no âmbito familiar, esses aspectos devem ser levados em conta, pois o trabalho e a família ficam intrinsecamente ligados (CARNEIRO, 1998, p. 70, APUD JALIL E BORDALO).

Aprofundando a observação de mulheres camponesas em movimentos políticos e de ação coletiva, Laetícia Jalil desenvolveu uma tese de doutorado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com o título *“As Flores e os Frutos da Luta: O significado da organização e da Participação Política para as Mulheres Trabalhadoras Rurais”* contribuindo para a discussão de gênero no campo. Numa visão que aproxima os estudos do campesinato do feminismo, observou e problematizou as condições materiais da existência de mulheres e homens como fundamentais para se compreender de que forma as mulheres se colocam na sociedade e como as desigualdades se materializam, sem ignorar as especificidades que cada grupo guarda, neste caso, como mulheres trabalhadoras rurais. Jalil afirma que, em uma visão crítica, discutir as questões materiais da sociedade é importante para se compreender a forma como os (as) próprios (as) se expõem e como as desigualdades se materializam, sem ignorar as especificidades de cada comunidade ou grupo, que no caso do estudo de Jalil, foram as mulheres trabalhadoras rurais (JALIL, 2009, p.10).

Podemos perceber que as mulheres trabalhadoras rurais tem conseguido romper com essa invisibilidade ganhando maior visibilidade enquanto categoria social em alguns acontecimentos como, por exemplo, o Conselho Nacional de Estudos Sobre a Mulher criado em 1995, pelo governo Fernando Henrique Cardoso, que deu origem a Secretaria Especial de Política para as Mulheres que hoje tem status de Ministério. Entre as questões discutidas por

esta secretaria temos: a igualdade no trabalho, autonomia econômica, saúde integral das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos; desenvolvimento sustentável com igualdade econômica e social entre outras discussões presentes no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2013-1015). O Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA promove o “Prêmio Margarida Alves” uma iniciativa de homenagear uma dirigente sindical que, após 12 anos no Sindicato Rural de Alagoa Grande (PB), fundou o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural, lutou contra o analfabetismo; as injustiças; a exploração; lutou pela Reforma Agrária e foi assassinada.

Das categorias presentes nesta dissertação estará a de campesinato como forma de interpretar a dinâmica da agricultura familiar. O autor russo Chayanov⁴, escreveu sobre a lógica da economia camponesa, onde o trabalho do camponês objetiva a satisfação de suas próprias necessidades, pois o campesinato se apropria do produto da terra em que trabalha, consequentemente, a busca do camponês é a terra, onde ele pode se apropriar e produzir. Boguslaw Galeski (1975) também teorizou sobre o campesinato, inspirado por Chayanov. Galeski elaborou o conceito da “centralidade” da família no modo de vida camponês no qual o indivíduo está enraizado na família e a ela subordinado, acredita-se que esta forma de conceituar o sistema familiar é ampla e em várias sociedades a história vai se repetindo, com a ideia de que na família encontra-se no centro das interações sociais. Jerzi Tepicht (1973) utiliza o conceito de “modo de produção camponês” e explica como sobrevive o camponês dado o seu relacionamento com diversos modos de produção, onde existem várias contradições nestes modos de produção, inclusive a baixa capacidade de acumulação dos seus próprios produtos.

Heredia (2006) aprofundou seus estudos sobre as atribuições de trabalho da mulher:

Na agricultura familiar, por exemplo, além de cuidar da casa, as mulheres participam do trabalho no campo e se responsabilizam pelo "quintal", onde podem realizar atividades agrícolas (hortas, pequeno roçado para consumo próprio) e tratar dos animais, especialmente aqueles de pequeno porte destinados ao consumo direto da família” (HEREDIA, 2006, p.4).

Essas atividades não são consideradas como trabalho porque não são contabilizadas em termos monetários. Para a mulher rural, em regime de economia familiar, o trabalho agrícola é uma extensão das suas atividades domésticas. Em conformidade com interpretações sobre a mulher no campo, entendemos que o seu trabalho é fundamental, mas não lhe é

⁴ Alexander Chayanov (1994), populista russo, membro da Escola Russa da Organização da Produção, elaborou nova conceituação sobre a produção camponesa a partir dos mesmos dados censitários utilizados por Lênin.

atribuído destaque e importância. Desta forma, procuramos observar as transformações que as mulheres envolvidas na atividade apícola vivenciaram no que diz respeito à visibilidade que o novo trabalho adquiria. Com a chegada da família Wenzel ao Piauí em 1976, vinda de São Paulo, se inicia a produção racional de mel, se estendendo aos camponeses com o passar dos anos, as mulheres também conheceriam a prática e hoje desenvolvem a atividade como parte de suas vidas. Assim, a partir da década de 70, no sudoeste do Piauí, começa uma nova atividade, um trabalho que gera renda e que necessita de pessoas capacitadas com conhecimento sobre as novas técnicas requeridas. Tratava-se da apicultura, a criação de abelhas (*Apis mellifera L.*) com o objetivo de proporcionar ao homem produtos derivados do mel, como: cera, geléia real, própolis, pólen, e, ainda, prestar serviços de polinização⁵ às culturas vegetais (MOREIRA, 1993).

No entanto, é importante observar que se indicou que o objeto de estudo são mulheres apicultoras no sertão do Piauí, em consonância com os estudos do campesinato, tanto a apicultura quanto a agricultura (roça) são enfatizadas nesse estudo, porque é a combinação de diversas atividades que compõe o provisãoamento das famílias que caracteriza o modo de produção camponês conforme vimos em Tepitch e Heredia acima. Como veremos adiante, as mulheres por nós entrevistadas dificilmente se identificam pelo termo profissional de “apicultora”, se reconhecendo como agricultoras familiares e lavradoras.

Autores observam o crescimento da pluriatividade pela qual, membros das famílias que residem no espaço rural integram-se em atividades, muitas vezes não agrícolas e muitas no espaço urbano. De acordo com Baumel e Basso:

A pluriatividade se estabelece como uma prática social, decorrente da busca de formas alternativas para garantir a reprodução das famílias de agricultores, um dos mecanismos de reprodução, ou mesmo de ampliação de fontes alternativas de renda; com o alcance econômico, social e cultural (BAUMEL e BASSO, 2004).

⁵ A polinização é a transferência de grãos de pólen das anteras de uma flor para o estigma (parte do aparelho reprodutor feminino) da mesma flor ou de uma outra flor da mesma espécie. As anteras são os órgãos masculinos da flor e o pólen é a gameta masculino. Para que haja a formação das sementes e frutos é necessário que os grãos de pólen fecundem os óvulos existentes no aparelho reprodutor feminino. (EMBRAPA MEIO NORTE).

1.1 A atividade apícola

O mel que é usado como alimento pelo homem desde a pré-história, por vários séculos foi retirado dos enxames de forma extrativista e predatória, muitas vezes causando danos ao meio ambiente, matando as abelhas. Entretanto, com o tempo, o homem foi aprendendo a proteger os enxames, instalá-los em colmeias racionais e manejá-los de forma que houvesse maior produção de mel sem causar prejuízo para as abelhas. Nascia, assim, a apicultura. O Brasil é, atualmente, o 6º maior produtor de mel (ficando atrás somente da China, Estados Unidos, Argentina, México e Canadá), entretanto, ainda existe um grande potencial apícola (flora e clima) não explorado e grande possibilidade de se maximizar a produção, incrementando a atividade apícola. Para tanto, é necessário que o produtor possua conhecimentos sobre biologia das abelhas, técnicas de manejo e colheita do mel, pragas e doenças dos enxames, importância econômica, mercado e comercialização (VILELA, 2003).

1.2 Do tema e campo de pesquisa

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa - CEP, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, intitulada como “Dinâmicas Culturais e Ruralidades Contemporâneas: A inserção da mulher camponesa na atividade apícola na comunidade de Moreira – PI”. Foi assinado o termo de confidencialidade em que nós, pesquisadores, nos comprometemos a preservar a privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Os dados foram coletados em formulários semi estruturados (ANEXO I), gravações de áudio, caderno de campo e filmagens, concordando igualmente que as informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução da pesquisa, as informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente por um período de quatro anos sob responsabilidade da Profª Drª. Roseli Farias Melo de Barros, Coordenadora do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente que funciona no Trópico Ecotonal do Nordeste TROPEN-UFPI. A pesquisa têm uma amostra de 15 pessoas entrevistadas, homens e mulheres, adotamos a pesquisa de campo etnográfica como metodologia de pesquisa, onde campo e teoria possam entrar em harmonia e assim, constituir-se uma pesquisa de acordo com os métodos e técnicas antropológicas. Em “Algumas considerações sobre o uso da imagem Fotográfica na pesquisa antropológica”, Luciana Bittencourt (1998) procura analisar as características da imagem Fotográfica que possam contribuir para ampliar a compreensão dos processos de simbolização próprios dos universos

culturais com os quais os antropólogos se defrontam em suas pesquisas de campo, dessa forma buscarei, através das Fontegrafias, uma contribuição para que os significados das Fontegrafias sejam interpretados.

Nos reconhecemos enquanto pesquisadores quando tratamos das discussões teóricas vinculadas ao tema de pesquisa que estudamos ou que pretendemos estudar. Ao término do curso de Ciências Sociais no ano de 2011 na Universidade Federal do Piauí - UFPI, já tinha realizado um trabalho de conclusão de curso sobre mulheres na política, sob orientação do professor Drº. Fabiano Gontijo. Com isso, tinha em mente que desenvolveria um projeto de pesquisa sobre gênero, mas essa discussão precisava de um cenário, de um campo, foi quando surgiu a oportunidade, em 2012, para a seleção do Mestrado no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente onde se apresentou a possibilidade de estudar a inserção das mulheres na atividade apícola. Quando já estava inserida no mestrado e cursava as disciplinas em junho de 2013 viajei com outras duas mestrandas para o sudoeste do Piauí, todas três orientandas da professora Dra. May Waddington. Através de pesquisas intituladas “Dinâmicas Sociais e Ruralidades Contemporâneas” se estabeleceu o grupo de pesquisas em Antropologia do Desenvolvimento e Meio Ambiente (Grupo ADMA). Em 2013 uma nova viagem do grupo ADMA ocorreu. A viagem nos mostrava o inesperado porque o campo de pesquisa (da presente dissertação), embora houvesse outras pesquisas vinculadas ao grupo, não estava completamente determinado, visto que precisávamos encontrar mulheres apicultoras. Dentre tantas comunidades, foi quando no nosso primeiro dia na cidade de Simplício Mendes em visita a Cooperativa de Mista da Microrregião de Simplício Mendes (COMAPI), em conversa com o gerente da cooperativa, Sr. Paulo José, foi indicado que fosse a Comunidade de Moreira a 18km de Simplício Mendes que iríamos estudar, a notícia de que lá havia um grupo de mulheres apicultoras me veio como um norte, pois o que realmente buscava, existia.

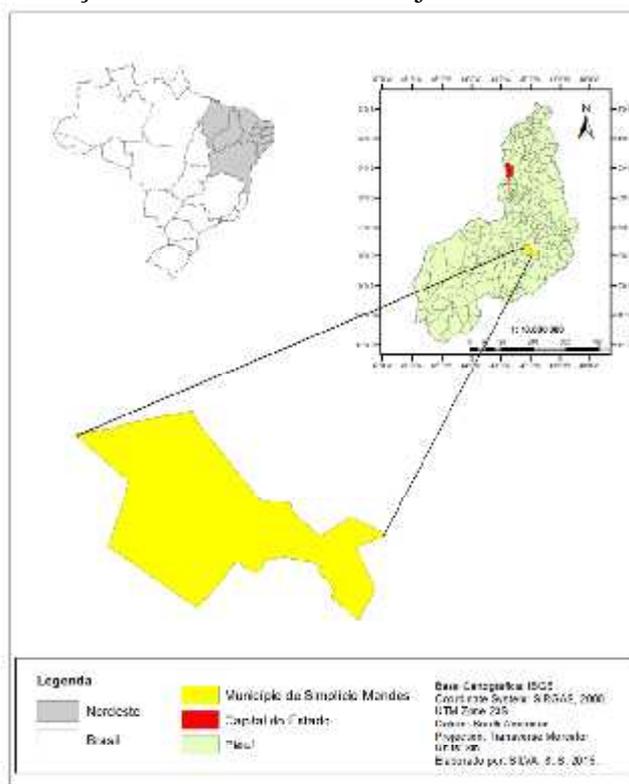
Foi marcada uma reunião com algumas mulheres da comunidade para o outro dia, e lá estavam naquela manhã. Compareceram Adélia Mauriz, Olinda e Madalena. Esse foi o meu primeiro contato com estas mulheres que trabalham na roça e que se tornaram também apicultoras. Partimos (eu e a bióloga Kelly Nayara) para a casa da D. Adélia, que se prontificou em nos receber naquele mesmo dia, para passarmos o tempo que fosse preciso. Nesta dissertação será possível acompanhar as descobertas, através dos relatos, de como elas vivem, trabalham, se adaptam, no que acreditam e ainda, do que são capazes, pois foi possível comprovar que são mulheres plurais e assumem a diversidade de papéis que lhes designam ou que constroem como protagonistas. Afinal, como aponta Carneiro (1995):

Cabe-nos perguntar até que ponto estaríamos observando uma lógica de construção da imagem da mulher fortemente centrada na valorização dominante da sociedade, que poderíamos designar de masculina, que reconhece na produção (e por associação lógica, no homem) o motor da dinâmica social e elemento atribuidor de sentido às relações sociais.

Nesta dissertação estão presentes indagações como: quais os significados da atividade apícola para estas mulheres? Como se dá sua participação? Elas se identificam e se reconhecem como apicultoras? Como se inserem numa relação de trabalho como cooperadas? Qual a sua relação com o meio ambiente? Como essas mulheres são recebidas pela cooperativa?

Questionamos sobre o significado e impactos positivos e negativos dessa atividade econômica na vida destas mulheres e de suas famílias, verificando de que forma implica numa sociedade mais justa, menos desigual. Por fim, o trabalho pretende verificar se o aprendizado destes agricultores familiares, ou camponeses, junto à atividade apícola, contribuiu para que vivenciem a sustentabilidade em seus mais diferentes níveis, seja no campo ambiental, econômico ou, como é o foco deste trabalho, no campo das relações sociais.

FIGURA 2- A Comunidade Moreira fica à 18 km de Simplício Mendes seguindo ao norte de Simplício Mendes. Localização destacado da cor laranja.



Fonte: organizado por MATON, C. M., 2015, Geoprocessamento SILVA, S. S., 2015.

A comunidade de Moreira está localizada a 18 km norte de Simplício Mendes.

FIGURA 3- Vista aérea da cidade de Simplício Mendes Imagem via satélite



Fonte: Google Earth. Acesso em 15 dez. 2014⁶

1.3 As primeiras impressões

Quando partimos ao desconhecido o pensamento sobre o que podemos conhecer gera uma expectativa sobre pessoas e lugares. A segunda viagem, onde o trabalho de campo “propriamente dito” foi feito, ocorreu em maio de 2014. Ao chegar à Comunidade percebi uma receptividade que se alinhava ao que buscava e com isso fui me enquadrando em tipos de conversas, no ritmo da casa, principalmente quanto aos horários e sua rotina. Aos poucos fui percebendo que precisava que houvesse mais confiança entre eu e os anfitriões para que assim, fossem contadas as realidades que precisava conhecer. Fiquei hospedada na casa de uma apiculadora chamada Adélia que, no momento ocupava a posição de Presidente da Associação de Pequenos Produtores, onde mora ela, seu esposo, e dois filhos. Antes, na primeira viagem, em junho de 2013, a filha mais velha (Beatriz, 16 anos) ainda morava com o casal, mas esta agora, em 2014, fôra estudar em Simplício Mendes. Desta forma, ficaram dois dos três filhos (Mateus, 12 anos), e a caçula (Jussara, 10 anos) havendo, portanto, quatro pessoas na casa, (Adélia, José, Mateus e Jussara).

A casa é simples apresentando capricho nos detalhes e limpa. Possui os cômodos bem definidos, sala de estar, sala de jantar, quarto do casal, quarto dos filhos, uma cozinha e um

⁶ O Google Earth é um aplicativo disponibilizado via internet para a captura de imagens de satélite, a Comunidade Moreira está sinalizada na cor laranja e a área de estudo não possui captura de tela através do satélite. Contudo é possível situarmos através da observação onde, Moreira fica localizada à 18km ao Norte de Simplício Mendes.

forno a lenha. Não tem banheiro, sendo o quintal o espaço utilizado para esse fim. Há uma cisterna concedida pelo governo há três anos, situada atrás da casa. Enfim, a comunidade se depara com as deficiências nos serviços públicos, característica das zonas remotas do semiárido brasileiro, mas encontra seus próprios meios de superará-las através do trabalho. Outro aspecto que logo nos primeiros dias na Comunidade percebi, é que a maioria das pessoas queria ser entrevistada, quando eu passava pelas ruas, queriam saber quem eu era, o que estava fazendo lá, e perguntavam “quando você vai lá em casa?”. Na verdade, desde o início não sentia necessidade metodológica de entrevistar todas as pessoas que se apresentavam a mim, mas fui desenvolvendo e buscando meus entrevistados aos poucos.

FIGURA 4- D. Adélia, apicultora presidente da Associação dos Pequenos Produtores.⁷



Fonte: MATON, C. 2014

1.4 Metodologia

Após a primeira visita a campo, em 2013, foram se definindo os métodos e técnicas de pesquisa para lidar com as informações produzidas na Comunidade, com base na Antropologia, na qual a prática etnográfica é central. Como descreve Geertz “para entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento é preciso conhecer a prática da etnografia” (GEERTZ, 1990, p.15).

⁷ No ano de 2013 quando esta pesquisa se iniciou D. Adélia era presidente da Associação de Pequenos produtores eleita através de 27 votos contra 3.

Com o suporte de equipamentos técnicos e metodológicos que auxiliam a prática etnográfica em um determinado campo, foi de crucial importância que as informações e impressões desde a viagem até a chegada à comunidade e a participação nas atividades observadas fossem registradas em diário de campo. Florence Weber entende que o diário de campo é o instrumento que o pesquisador produz com dedicação durante dias ao longo de toda a experiência etnográfica. Dessa forma, mais do que um elemento íntimo do pesquisador, trata-se antes de tudo de um instrumento de depósito de informações que contribuem na construção da prática de pesquisa (WEBER, 2009).

O diário de campo foi necessário para desenvolver a pesquisa assim como os registros fotográficos e as gravações que auxiliam de forma significativa na produção dos dados necessários. Mas a teoria adquirida nos anos de estudo informaram a observação e a produção de dados. Afinal, na Antropologia, observar, não significa apenas olhar: observar significa antes de tudo saber olhar. Weber (2007) chama a atenção para a técnica de observação que é, para ele, a capacidade social que serve de alicerce para desenvolver a capacidade etnográfica.

Assim como observava, estava constantemente sendo observada também. Os olhares que se voltaram para o pesquisador, neste caso em Moreira, foram de um caráter bem acolhedor, exigindo um controle na forma de eu me direcionar às pessoas, independentemente de serem pesquisados ou não. Berreman (1992) enfatiza que é preciso ter o controle de impressões em campo. Nesse sentido, ele ressalta que:

As impressões decorrem de um complexo de observações e inferências, construídas a partir do que os indivíduos fazem, assim como do que dizem, tanto em público, isto é, quando pensam que estão sendo observados, quanto privadamente, isto é, quando pensam que não estão sendo observados. As tentativas de dar a impressão desejada de si próprio, e de interpretar com precisão o comportamento e as atitudes dos outros são uma componente inerente de qualquer interação social e são cruciais para pesquisa etnográfica (BERREMAN, 1990. p.125)

Assim, a pesquisa se deu por várias vias e foi necessário manter uma relatividade na interpretação dos comportamentos e na compreensão de que podem existir vários pontos de vista em uma só situação.

Em Moreira, as relações são próximas, as famílias estão ligadas não apenas pelo parentesco, mas também por uma relação de amizade construída ao longo de muitos anos e até de gerações. Evidenciava-se que estas relações sólidas eram transmitidas para a atividade apícola também.

A partir da observação realizada em campo, pude perceber muitas especificidades sociais neste grupo. No entanto, o controle de impressões e a observação participante não dão conta de preencher os requisitos metodológicos necessários para realizar uma etnografia de cunho científico. Para isso, fiz uso de extensas entrevistas com pessoas que eu considero essencialmente necessárias para descobrir a história do lugar. Essas entrevistas foram semi-estruturadas, por acreditar que a relação de pesquisa, antes mesmo de ser caracterizada como tal, é uma relação social na qual cabe um diálogo passível de liberdade expressiva e não apenas como um jogo de elementos semânticos pré-estabelecidos.

No decorrer dessas entrevistas, as expressões corporais, o que é dito e principalmente o que não é dito devem ser interpretados cientificamente. Dessa forma, ao realizar as entrevistas buscando informações, é fundamental recordar certas indagações e problemas pensados antes de se chegar a campo para conferir se existe realmente uma relevância por trás dos problemas que elencamos ou se devo reelaborar os questionamentos. Ao reexaminar nossos dados, voltamos a nos debruçar sobre a teoria, pois é através da teoria e da pesquisa bibliográfica que a ciência se redefine, do contrário, todas as informações construídas seriam descrições descompromissadas com a realidade, o que não caracterizaria a Ciência. O campo, na sua completude concreta, é dotado de possibilidades, de imprevistos, situações inusitadas que todo campo está sujeito a apresentar sendo necessário improvisar e utilizar estratégias para amenizar as transformações e evitar o que Bourdieu (1997) chama de “violência simbólica” que pode existir entre pesquisador e pesquisado. Para Bourdieu:

“A pesquisa é uma relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos. Acontece, que nesses assuntos não se pode somente confiar na boa vontade, porque todo tipo de distorção está inscrita na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas; e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, com a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica” (BOURDIEU, 1997, p.694).

O fazer antropológico não se fez presente apenas no campo e nas teorias apresentadas em sala de aula: estive na totalidade desses elementos em conformidade com a prática da pesquisa. Tal como mencionado antes, a relação de pesquisa não se resume apenas ao ato de pesquisar: a Ciência foi praticada e desenvolvida com suas hipóteses e busca por uma realidade não apenas científica, mas que esteja presente na convivência e nos relacionamentos sociais, dos mais simples aos mais elaborados e, dessa forma, convertidos em Ciência com a contribuição indispensável da prática etnográfica.

SEÇÃO II -RETROSPECTIVA HISTÓRICA: MULHER, SOCIEDADE E AMBIENTE.

2.1 A construção do conceito de gênero

Para Scott (1988, p.42), gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre sexos”. Nesse sentido, gênero pode ser concebido como um atributo da cultura ou uma relação de poder. É possível, a partir deste pensamento de Scott, entender que o gênero vai além das diferenças biológicas, sendo cultural e socialmente construído. Para Rubin (1993, p.11), gênero é:

Uma divisão dos sexos socialmente imposta, é um produto das relações sociais de sexualidade, portanto se transforma machos e fêmeas em “homens” e “mulheres”, cada qual uma metade incompleta que só pode encontrar a completude quando unida à outra.

É essa concepção que nos permite compreender esse conceito de gênero como um propósito social que incute na subjetividade dos indivíduos a necessidade do outro ser, para que haja a completude, inclusive no que se refere ao trabalho. É na esfera do trabalho que se complementam. Do ponto de vista da agricultura familiar, por exemplo, em que toda a família é responsável pela produção de alimentos, homens e mulheres de diferentes gerações realizam atividades diferentes, embora conjuntas.

Através dessa definição de gênero, buscamos definir a mulher a quem nos referimos: é uma mulher da roça que realiza todas as suas atividades e papéis na família produtiva, inclusive a de ser mulher com suas sensibilidades e incertezas, mas que não foge à luta, que vem se desenvolvendo como apiculadora. Nas entrevistas, ao serem indagadas sobre seu papel como apiculadoras, uma quantidade expressiva se considerava simplesmente como “uma mulher da roça” considerando que a apicultura as forneceu uma oportunidade de ir além, de ultrapassar suas próprias barreiras e desenvolverem outra atividade como apiculadoras cooperadas. Rubin (1993, p.12) afirma que:

Longe de ser uma expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero exclusiva é a supressão de similaridades naturais. Ela requer repressão: nos homens, da versão local das características “femininas”, quaisquer que sejam elas; nas mulheres, da definição local das características “masculinas” (grifo do autor).

A questão aqui não é sexual, mas sim, social. Pretendemos compreender até que ponto o fator gênero permite ou impede que as mulheres possam ser diferentes ao praticar a apicultura, modificando o próprio conceito de gênero junto a esta coletividade.

O conceito de “gênero” só começou a fazer parte da terminologia feminista brasileira no final dos anos 1980. Até então, falava-se em “estudos das mulheres” e “estudos feministas”, não em “estudos de gênero”.

As feministas utilizam a palavra “gênero” no sentido literal, para referir-se à organização social dos sexos quanto aos relacionamentos sociais (SCOTT, 1985). Desta forma, pensando na forma como o conceito de gênero poderá dar sentido à estrutura do presente texto, buscaremos analisá-lo como categoria, ou seja, o gênero feminino será entendido como unidade social. Mais especificadamente, examinaremos o impacto da apicultura no comportamento e na vida dessas mulheres. De acordo com a definição dada por Scott, percebe-se que gênero é um processo de construção social que vai se desenvolver através de expressões sociais que fazem com que uma determinada pessoa venha a ser considerada do gênero feminino. Neste trabalho, os motivos pelos quais uma determinada pessoa venha a ser considerada do gênero feminino serão observados e suas transformações face à atividade cooperada serão registradas. Assim como na disciplina de “História”, na qual se percebe ser desenvolvida e contada por homens sobre homens, o processo de desenvolvimento da apicultura no sudoeste do Piauí também começou através do movimento de homens, em que as mulheres ocupavam um papel coadjuvante. Mas aos poucos estas vem ocupando um maior espaço nesta atividade. Com a modernização da agricultura iniciada a partir das décadas de 1960-80, a mulher passou a comparecer como força de trabalho e não mais totalmente subordinada à família, como em décadas anteriores.

Como já apontara Pierre Bourdieu em seu célebre livro “A dominação masculina” (1990), “este tipo de dominação reúne todas as condições de seu pleno exercício”. A excelência universalmente concedida aos homens se confirma quando as atividades reprodutivas e produtivas conferem justamente aos homens a sua melhor parte, bem como no *habitus*⁸: adaptados as condições, os membros da sociedade acabam por geracionar os pensamentos e ações através do tempo, da história de cada sociedade (BOURDIEU, 1990).

⁸ Para Bourdieu (2002), *habitus* diz respeito às disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo de seu processo de socialização; integra experiências passadas, atua como uma matriz de percepções, de apreciações, de ações. Essa “matriz”, ou conjunto de disposições, nos fornece os esquemas necessários para a nossa intervenção na vida diária. Bourdieu desenvolveu esse conceito a partir da necessidade de “apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionantes sociais” (Setton, 2002, p. 62).

A formação dos gêneros ocorre através da dinâmica dos relacionamentos sociais. Os humanos se constroem como tal em relação com os outros seres humanos. Saffioti (1992, p. 210) considera que não somente se trata de perceber que os corpos que se relacionam. É a totalidade formada pelo corporal, pelo intelectual, pelo emocional, pelo caráter do “eu” que entra em relação com o “outro”, daí percebemos a construção de um ser social que se desenvolve e se redescobre inclusive no sentido da aprendizagem podendo ser relacionado ao trabalho ou não.

É possível observar duas esferas distintas: a privada e a pública, mas que vai se complementando de acordo com a respeitabilidade que homens e mulheres vão desenvolvendo tanto no trabalho com apicultura quanto fora dele. A esfera privada pode ser compreendida como um espaço social em que a família desempenha suas atividades domésticas, ou seja, a própria vida em casa, onde a mulher assume uma maior responsabilidade nos afazeres. Já a esfera pública é mais observada no âmbito das atividades de trabalho e de participação (cooperativas, associações), ou seja, fora do ambiente domiciliar (CARLOTO, 1992, p.01).

Como afirma Carloto, ao se construir o ser mulher enquanto subordinado, ou como diria Saffioti (1992), como dominada-explorada, o papel social da mulher passa a ser um papel naturalizado, onde quanto mais a mulher desempenha as atividades ditas “femininas”, mais essa mulher é vista na sociedade como alguém que cumpre seus deveres, o que se torna inquestionável aos olhos de várias famílias que aprenderam e aprendem culturalmente esta posição. As diferenças sociais e biológicas vão encontrando uma forma de se estabelecer e aos poucos a sociedade vai absorvendo um modo de vida e de pensamento baseado na cultura, onde homem e mulher são definidos e nomeados de acordo com uma visão cultural. Podemos pensar, por exemplo, numa dada sociedade que o quê poderá definir o gênero de uma pessoa será justamente a forma como ela conduz sua vida e a forma como a sociedade entende que esta condução está sendo estabelecida, como uma vida de mulher ou como uma vida de homem, a cultura, por sinal, acaba tendo sua voz.

As relações de gênero refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres:

Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros pratique as responsabilidades que lhes são destinadas pela sociedade, é importante que cada gênero conheça as atribuições do outro gênero (SAFFIOTI, 1992, p. 10).

No Brasil a ideia de gênero foi inicialmente discutida e analisada por pesquisadores do exterior, dos Estados Unidos basicamente, abordando o “gender” como algo socialmente construído e que precisava ser observado como algo subjetivo, que está em constante

construção. Através de estudos sociológicos e antropológicos, as explicações sobre a natureza humana passam a ser uma questão ideológica utilizada para legitimar os comportamentos sociais de homens e mulheres em determinada sociedade. Gênero serve para esclarecer o que é social, cultural e histórico por definição e não é o mesmo que “sexo.” O gênero se modifica com o tempo e vai se redefinindo com novos significados produzidos pelos próprios membros da sociedade, sendo estes homens ou mulheres biologicamente (GROSSI, 1998 p.4).

Quando observamos mulheres camponesas, percebemos estas mulheres, não apenas pela atividade produtiva ou local de moradia. Mulher camponesa passa a possuir uma categoria política que é acionada de acordo com a necessidade de seus contextos sociais. Trata-se de uma identidade que contém diversas identidades e que não está aprisionada ao espaço físico e geográfico, mas se constrói e se redefine constantemente a partir das necessidades, problemas, conquistas e reconhecimentos. Não é algo fixo e natural de cada sujeito, mas passa a ser construído na relação com os outros, com o espaço e com o tempo (JALIL, 2010).

Durante a década 1980, surgiram movimentos mobilizados por mulheres que discutiam sobre aspectos econômico, político e religioso. Elas não tinham visibilidade nem como mulheres, nem como movimento, ao refletirem sobre essa realidade se organizam politicamente e iniciam, em 1983, a Organização das Mulheres Agricultoras (OMA), movimento autônomo com o objetivo de renunir as lutas feministas, impulsionando a libertação da mulher em busca de uma sociedade com menos preconceitos e mais aliada com direitos e responsabilidades sociais independente do gênero. Anos depois, tomou-se a decisão política de denominar-se Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA), assumindo um caráter de movimento social que luta pelos direitos na vida rural, segundo documentos do MMC. Ao longo de várias discussões sobre o que é ou o que seria as mulheres camponesas concluiu-se em nível nacional:

Neste sentido, mulher camponesa, é aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência da família. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, sem terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas. A soma e a unificação destas experiências camponesas e a participação política da mulher, legítima e confirma no Brasil, o nome de Movimento de Mulheres Camponesas” (DOCUMENTO TESE DO MMC, 2004).

Jalil (2009), afirma o modelo de agricultura camponesa na luta pela preservação da terra e da vida, as mulheres se auto-organizam entre articulações que ocorrem com figuras políticas de sindicatos, de religiões, grupos de mulheres, alguns políticos etc.

Assim, mulher camponesa é uma identidade política utilizada para reafirmar um modo de ser que envolve um modelo de agricultura camponesa. Como o MMC teve sua origem e maior amplitude no sul do país e em buscas e entrevistas não detectei ligação mais específica entre as mulheres da Comunidade Moreira e este mesmo movimento de mulheres camponesas no sentido de viagens para participar de eventos do MMC, mas conseguimos identificar o movimento que existe na comunidade como um movimento de camponesas devido a suas características mais peculiares, principalmente no sentido da formação de um grupo de mulheres que lutaram pelo direito de serem apicultoras. Essa luta não se dá apenas no espaço público, na tentativa de ser cooperada, mas também no espaço privado em que por muitas vezes os obstáculos são até maiores. Assim, atendendo às características do que é ser camponês - camponesa tanto pela literatura especializada como por documentos do movimento social, categorizamos a mulher da Comunidade Moreira como mulher camponesa.

Outro ponto de conceituação relevante é a questão do trabalho de pluriatividade e de monoatividade. Segundo Schneider, pluriativas são as famílias que adotam como estratégia de reprodução social a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas, sendo que uma família ou unidade familiar pode ser definida como pluriativa quando pelo menos um de seus membros, ainda que de forma parcial, combina o trabalho na agricultura com outra ocupação não agrícola. Dessa forma, famílias monoativas são aquelas famílias agrícolas que se reproduzem socialmente através de atividades agrícolas e as pluriativas combinam geralmente a própria atividade agrícola e outras atividades não agrícolas (SCHNEIDER, 2006).

De acordo com Carneiro, é importante notar que essa identidade coletiva se baseia na definição tradicional das relações entre os gêneros que envolve, em primeiro lugar, o papel da mulher enquanto integrante de uma família camponesa. A inserção de mulheres em movimentos políticos operários e urbanos, de forma geral, apresenta-se como uma crítica a sua redução ao espaço doméstico e a demanda por uma equiparação ao exigir o reconhecimento do status social público de “trabalhadora”, se opondo assim aos valores que sustentam as relações sociais entre gêneros na sociedade capitalista, de forma geral. Porém, no caso da luta das camponesas, não é a equiparação dos papéis, mas é a referência à identidade feminina que caracteriza o processo político pela conquista dos direitos da mulher rural, enquanto trabalhadora. O que diferencia essa participação feminina nas lutas do conjunto dos trabalhadores em geral é o fato de se estarem tornando pública a situação da

trabalhadora-mulher que envolve outras identidades: o da trabalhadora-mãe e o da trabalhadora-esposa que contribui com a unidade produtiva camponesa e sua autonomia relativa em relação ao mercado (CARNEIRO, 1994).

Sobre a divisão sexual do trabalho, na agricultura, por exemplo, estudos do campensinato indicam que as mulheres têm ocupado uma posição de subordinação à autoridade centralizada do marido, razão pela qual seu trabalho é na maioria das vezes definido como “ajuda”, mesmo quando as mulheres realizam as mesmas atividades e na mesma proporção que os homens (BRUMER, 2004). No entanto, a atividade da família, como um todo, é tida como um investimento, uma estratégia de provisionamento e subsistência que, não obstante a hierarquização e diferença entre os papéis de gênero e geracionais consiste em atender aos interesses de uma coletividade (a família em todas as suas gerações). As entrevistas realizadas nesta comunidade Moreira, onde a um grupo de mulheres está à frente da atividade de apicultura. Quando se referem à renda auferida pelo mel, afirmam investi-la na unidade de produção camponesa, através de decisões tomadas em conjunto com seus maridos em prol de melhorias nas cercas e compra de ferramentas, mas, principalmente para os filhos do casal. Interessante também é observar que quando nos referimos às camponesas nesta região que trabalham com apicultura estas consistem de mulheres maduras, casadas e com filhos. Podemos supor que isso se deva ao fato da apicultura ser uma atividade que exige disciplina, mas observa-se que o papel social das mulheres casadas e com filhos envolve maiores responsabilidades de geração de renda para o sustento da família, principalmente daquelas que são chefes de família.

Reconhecendo a existência de desigualdade de gênero, as mulheres envolvidas na apicultura atuam com reivindicações significativas no sentido de diminuí-las ou anulá-las. Assim, indetificamos reivindicações referentes a uma equidade nas responsabilidades domésticas, acesso ao conhecimento de tecnologia agropecuária, igualdade na herança da terra (no caso da casa onde fiquei hospedada o dote da terra veio da família de d. Adélia), na distribuição das tarefas em geral ou do poder que pudessem indicar que as mulheres estivessem motivadas a melhorar sua situação em relação aos homens. Assim, tudo indica que pretendem melhorar a situação do grupo familiar como um todo, principalmente se puder obter maiores benefícios do Estado. Porém, evitam o confronto com seus parceiros homens, questionando seu papel dentro da família camponesa.

2.2 Debate sobre a mulher camponesa e sua participação na apicultura

A agricultura familiar é conhecida como o trabalho dos membros da família, a remuneração e produção obtida pelos membros abastecem as necessidades da unidade familiar. Além dos trabalhos em casa, a mulher também toma conta do “quintal” da casa onde pode realizar atividades agrícolas e o trato de animais especialmente os de pequeno porte direcionado ao consumo direto da família. No meio rural, quando uma mulher se encontra na condição de ser ativa na economia familiar, mesmo assim, muitas vezes seu trabalho é extensão da vida doméstica (HEREDIA, 2006). Outro aspecto da situação da mulher rural é que na maioria das vezes em que estas vão com o marido realizar trabalho remunerado em que o pagamento é feito por produção, o mesmo é feito diretamente ao chefe da família contribuindo para a invisibilidade do trabalho feminino.

Discute-se a diferença entre as categorias de agricultura familiar e de campesinato, o que se expressa atualmente na disputa entre diversos grupos e movimentos sociais sobre as similaridades das práticas em relação com a terra e com a forma de trabalho, com a natureza e o tempo, colocando as duas como categorias políticas que, de acordo com a necessidade, são acionadas, podendo ser analisado também a relação familiar como um componente importante das práticas sociais (JALIL, 2010).

Conforme aponta Fernandes (2004), o conceito de campesinato é um exercício político. História e teoria são referências para se entender o campesinato quando, da primeira, demarca-se sua natureza e da segunda as interpretações a respeito de sua existência e perspectivas.

A formação do campesinato remete ao desenvolvimento da história da humanidade e está presente em várias sociedades, pois os recursos naturais estão presentes como suporte para o exercício do camponês. A existência do campesinato nas sociedades capitalistas e socialistas, por exemplo, é um referencial para entendermos o sentido dessa construção social que se reproduz a cada ambiente rural e por muitas vezes em áreas urbanas mais abrangentes. A formação do campesinato brasileiro é peculiar, pois está vinculada ao capitalismo periférico (MARQUES, 2002).

Em contraste com a raiz territorial que caracteriza o camponês europeu, a trajetória do campesinato do Brasil é marcada por uma forte mobilidade espacial. O predomínio de sistemas de posse insuficiente da terra nas formas de existência desenvolvidas por essa categoria social tem resultado numa condição instável estruturalmente, que faz da constante busca por novas terras uma importante estratégia de reprodução social. Assim, conforme

lembra Wanderley (1996), é a forma como o camponês se comporta socialmente que provoca uma transmissão geracional dos modos de vida. As Ciências Sociais reconhece o conceito de camponês como uma identidade política e questão agrária nacional (WANDERLEY, 1996).

O modelo básico de Chayanov é identificado como uma compreensão densa da economia dos camponeses e suas unidades de produção, onde as famílias se projetam de acordo com a demanda produtiva e as formas e intensidade de consumo. A unidade produtiva varia seu consumo e sua produção garantindo a sobrevivência familiar, isso é basicamente a óptica do pensamento Chayanoviano.

A vida campesina requer um equilíbrio para a manutenção das necessidades de ordem biológica como a alimentação e as de ordens sociais como o vestuário, o que vai sendo definido de acordo com a relação que o camponês possui com as redes de comercialização (vestuário, eletroeletrônicos, carro, moto) (JALIL, 2009).

O conceito de campesinato se articula como uma categoria social que interage com as vivências sociais e econômicas de uma comunidade ou até mesmo de uma sociedade mais complexa, no Brasil esta categoria leva em consideração as dinâmicas locais e capitalistas, como confirma Marques:

O campesinato se refere a uma diversidade de formas sociais baseadas em diferentes relações de trabalho e de acesso à terra [...]. Porém, na década de 70, o conceito de “pequena produção” passa a ser usado como alternativa ao de camponês por seu caráter operacional e por, supostamente, melhor representar a realidade de um campo submetido pelo Estado à desarticulação de seus movimentos sociais e a um conjunto de políticas de cunho modernizante (MARQUES, 2002, p.3).

É chegada a hora de fazermos a junção destas duas categorias: gênero e campesinato, constituindo assim as mulheres camponesas. Maria José Carneiro ressalta que a consciência de mulher subordinada na família está projetada na mulher nordestina em que o seu discurso é de subordinação tanto dentro quanto fora de casa e, caso a mulher “trabalhe fora”, pode acentuar esta situação, implicando para o marido na perda de autoridade como chefe-da-família, não correspondendo a um ganho de autoridade pela mulher (CARNEIRO, 1994). É percebido isto na comunidade estudada quando, observa-se que mesmo a mulher se direcionando para o trabalho “fora de casa”, num apiário distante ou até mesmo no quintal de sua casa, isso não representa algum tipo de independência social, apenas um recurso financeiro a mais, a que não só ela, mas toda a família terão acesso, inclusive na decisão de como será gasto-investido aquele valor. Na comunidade Moreira as famílias tem como uma das principais atividades a roça, com plantação de feijão, milho; plantação de verduras,

temperos, frutas; criação de animais como galinhas, porcos, carneiros, bode, boi entre outros. Estamos certos, porém, que não é apenas dessas plantações e criações que as famílias se mantêm, até mesmo porque tanto as crianças como seus genitores precisam se vestir, manter um transporte que na maioria das casas é uma motocicleta, pagar o transporte de ir a feira no final de semana, precisam interagir socialmente, inclusive para isso realizando festas, enfim, precisam comprar um remédio entre outras necessidades que aparecem de forma natural na vida da família camponesa.

As famílias são beneficiadas através de iniciativas do governo como o Bolsa Família que é um programa de transferência direta atendendo famílias com renda de até R\$ 140 por pessoa e o valor do benefício varia de R\$ 22,00 a até R\$ 200,00. Criado através de medida provisória nº 132 de 20 de outubro de 2003, transformado em Lei nº 10.836 em 9 de janeiro de 2004 e regulamentado por Decreto nº 5.209 de 17 de setembro de 2004, o Programa Bolsa Família é o principal Programa de Transferência de Renda do Governo Federal (BRASIL, 2004).

A Bolsa Safra constitui também relevante importância para as famílias da Comunidade Moreira. Também conhecido como Garantia Safra, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, trata-se de uma ação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Garante renda para a sobrevivência de trabalhadores de localidades atingidas por situação de desequilíbrio social público por causa de estiagem (VARANDA, 2013).

Durante a estadia na comunidade, foi possível perceber alguns direcionamentos que a família teria que tomar para que houvesse o funcionamento normal da casa. Esse cartão do Bolsa família, por exemplo, ficava aos cuidados de D. Adélia, visto que a alimentação da família requer que todo final de semana se abasteça a despensa indo ao comércio, onde se compram alguns enlatados, utilidades do lar, até mesmo porque devido ao Luz para Todos⁹ há, na casa agora, energia elétrica, tornando possível comprar-se alimentos que precisam ser mantidos em geladeira. Então com esses cartões da Bolsa Família e Safra é possível fazer estas compras. Porém, percebe-se também que não é apenas com esse dinheiro que se mantém a casa e D. Adélia que, assim como muitas camponesas, realiza outros tipos de atividades. Percebi, por exemplo, que algumas mulheres da comunidade também procuram vender artigos com colcha de cama, toalha, roupas como forma de complementar a renda.

⁹ Medida pública do Brasil, que visa levar eletrificação à áreas remotas, cobrando um preço subsidiado pelo Governo Federal.

Brumer (2004) esclarece que dois aspectos podem explicar a divisão de trabalho que se estabelece entre homens e mulheres rurais. Primeiramente, a unidade familiar reúne os esforços de todos os membros da família, com vistas ao benefício de todos, havendo uma necessária aproximação entre unidade de produção e unidade de consumo. Em segundo lugar, vivemos de uma forma culturalmente machista, atribuindo ao homem o papel de provedor. As atividades desenvolvidas pelas mulheres nos estabelecimentos requerem qualidade tanto pelo caráter de socialização como pela necessidade de manutenção daquele rendimento, assim como dos homens, é claro, mas acontece que quando refletimos de uma forma mais apurada, percebemos que os homens transitam mais facilmente e as mulheres tendem a se manter num estabelecimento.

Entre as qualidades, observamos que ao realizarem atividades repetitivas, paralelas, intensas e por vezes na presença dos filhos, elas afastam-se de suas residências ocasionando muitas vezes o trabalho temporário, outro fator também é a docilidade, onde as mulheres aceitam mais as exigências do trabalho (BRUMER, 2004, p. 213).

2.3 Contexto brasileiro: importância e características da cadeia produtiva do mel do Piauí

De acordo com historiadores, o uso das colméias silvestres se deu dez mil anos antes de Cristo, onde se iniciou o controle das abelhas. Na pré-história, o mel ingerido era uma mistura de mel, pólen e cera, pois não se sabia separar suas substâncias, sendo escasso e difícil encontrar um enxame. Somente em 400 a.C. começaram a armazenar em potes, sendo que os egípcios foram os primeiros na sua criação. Algumas civilizações antigas as consideravam sagradas, simbolizando riqueza e, aparecendo em brasões, moedas coroadas (FERNANDES, 2009). A abelha do gênero *Apis mellifera* foi explorada comercialmente por imigrantes alemães e italianos que se instalaram em São José do Rio Preto em São Paulo, dentre esses imigrantes estava a família Wenzel que produziam mel em uma atividade familiar que envolvia três gerações da família, constituindo a principal renda da família através da apicultura (WADDINGTON, 2012).

Chegamos em Picos dia 13 de Junho de 2013 através do grupo ADMA, onde os membros do grupo se dividiam em análises de diferentes aspectos da apicultura. Primeiramente visitamos Arlindo Wenzel¹⁰, patriarca da família pioneira na produção e

¹⁰ Arlindo Wenzel, em 1975, juntamente com familiares, inclusive seu pai Manoel Wenzel, planejou uma viagem para o Nordeste para conhecerem a vegetação de alguns estados, inclusive a do Piauí. Em Dezembro de 1976 com 200 caixas vazias, Arlindo Wenzel juntamente com seu filho Juarez (na época com 20 anos), sai

comercialização de mel no Piauí. O casal, nos recebeu numa casa espaçosa. Três alunas acompanhavam a professora May Waddington, que, com base em suas viagens anteriores, o entrevistava, puxando pela história da migração da família. O clima nos parecia favorável e a conversa começou. A família migrou de São Paulo em 1977 com conhecimento, habilidade e várias caixas de mel para iniciar a produção (WADDINGTON, 2013).

O desenvolvimento tecnológico permitiu o convívio e formas de manejo das abelhas africanizadas, resultou do trabalho científico em universidades, contando com a consultoria de criadores como os Wenzel, cuja experiência e conhecimento empírico contribuíram para a elaboração de vestimentas, caixas e técnicas de manejo. Além de maior produtividade e resistência a doenças, a agressividade que restou às abelhas africanizadas revelou-se providencial. Na medida em que era difícil o roubo de colmeias, tornava-se útil ao manejo por parte de famílias de agricultores em áreas extensivas do sertão. A partir dos Wenzel em Picos o conhecimento da apicultura racional se difundiu, se expandindo para os municípios de Simplício Mendes, Oeiras, São Raimundo Nonato, entre outros (WADDINGTON, 2013).

Esperamos pelo casal em uma varanda ampla com um círculo de grandes cadeiras de madeira. Quando o casal se aproximou, o patriarca, senhor Arlindo sentou-se de frente para o grupo enquanto sua esposa, D. Benedita, sentou-se fora do círculo. Aquilo parecia normal ao que se percebia pela expressão facial dos dois, denotando que cabia ao homem a relação direta com representantes do mundo público, externo à família. No entanto, a matriarca fazia algumas pequenas intervenções que eram bem vindas e reforçavam a memória de seu Arlindo. Portanto, D. Benedita estava participando ativamente do círculo de conversa, mas ao mesmo tempo, marcando uma posição de menor importância. Conversou-se sobre o início, onde trabalhavam apenas membros da família, enquanto hoje a família conta com funcionários. Depois de terem, os membros das gerações subsequentes, construído família, terra e trabalho na região, segundo eles, não trocam o Piauí por nenhum outro lugar.

A taxa de crescimento na produção de acordo com Confederação Brasileira de Apicultura (CBA) demonstra um crescimento e o grande potencial produtivo e de geração de renda. Acredita-se com base em estimativas que a cadeia produtiva apícola envolve mais de 350 mil produtores e 16 mil empregos diretos no setor industrial. Um diferencial do produto

de Bauru-SP rumo a Picos-PI. No início havia alguns donos de propriedade com resistência para aceitar a colocação das caixas para a captura de enxames porém com o trabalho e boa vontade recebeu atenção. As 200 caixas foram povoadas e de Dezembro de 1976 a Março de 1977 produziram 10 toneladas de mel (400 latas de mel, hoje 400 baldes), o equivalente a produção de 1 ano em Bauru. Em 1978 Arlindo Wenzel trouxe a família e em 5 anos (1981) já contava com mais de 4.000 colmeias tendo uma produção recorde que passou a chamar a atenção tanto das pessoas da região, como do estado, do país e do exterior.

no Piauí é a certificação orgânica e ecosocial, principalmente por associações de pequenos produtores da região Nordeste, que constitui um mel de referência no mercado internacional para ser comercializado (ALMEIDA, 2010).

Aos poucos o desenvolvimento da atividade foi tomando forma, os novos apicultores são agricultores que cultivam produtos alimentícios tradicionais (milho, feijão, arroz, mandioca) e também o algodão. Ao detectar na atividade apícola uma oportunidade de incremento dos níveis de renda e ocupação da família, passaram a praticá-la, mesmo sem muitas informações necessárias para um desempenho efetivo, baseado nos parâmetros de qualidade dos consumidores e de instituições de normatização e regulação (VILELA, 2010). Dimensionar o volume de mel produzido e comercializado é uma tarefa difícil, pois os poucos dados confiáveis sobre o assunto são conflitantes. Estima-se que a produção mundial de mel durante o ano de 2001 foi de, aproximadamente, 1.263.000 toneladas, sendo a China o maior produtor (256 mil toneladas) (EMBRAPA, 2003).

Os dados do IBGE apontam que a produção de mel em 2000 no Brasil foi de 21.865.144 kg, com fatura de R\$ 84.640.339,00. China, Argentina, México, Estados Unidos e Canadá são os maiores exportadores de mel do mundo. Juntos, esses países comercializaram em 2001 cerca de 242 mil toneladas, movimentando cerca de US\$ 238 milhões. No primeiro semestre de 2002, o Brasil exportou 10.615 toneladas de mel, mas estima-se que o mercado internacional conseguirá absorver 170 mil toneladas/ano de mel oriundo do Brasil. Alemanha, Espanha, Canadá, Estados Unidos, Porto Rico e México são os principais compradores de mel (EMBRAPA, 2003).

Algumas informações sobre o processo de desenvolvimento da cadeia produtiva do mel estão dia-a-dia presentes em sites e artigos de informação do Estado do Piauí, é interessante que o assunto não se restringe a vida operacional da atividade e é veiculado encaminhamentos do governo e de instituições, por exemplo, Izabel Aragão, gerente de Desenvolvimento Territorial da CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, afirma que a cadeia produtiva da apicultura é conhecida como Rota do Mel. Foram investidos cerca de R\$ 38 milhões no apoio à apicultura, provocando o benefício de várias famílias de apicultores em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Regional do Ministério da Integração Nacional (SDR-MI) (CODEVASF – SEDE, 2014).

Quanto à melhoria da cadeia e da comercialização do mel, organizados em cooperativas e/ou associações, os produtores desenvolvem iniciativas de produção e de comercialização, por meio de empreendimentos como a Central de Cooperativas Apícolas do

Semiárido Brasileiro (Casa Apis) e a Cooperativa Mista dos Apicultores da Microrregião de Simplício Mendes (Comapi), entre outros parceiros.

A estrutura vem atender principalmente as exigências do mercado externo, de acordo com informações do presidente da FEAP - Federação das Entidades Apícolas do Piauí, Antônio Leopoldino Dantas Filho:

Precisamos adequar o layout já exigido pela Europa e que breve virá dos Estados Unidos. As unidades que não estiverem adequadas não poderão exportar, por isso as reformas são tão importantes, para que o mel não perca qualidade e valor.

2.4 A Comunidade de Moreira

Como já havia mencionado, a comunidade fica localizada a 18 km da sede do município de Simplício Mendes, latitude: 7° 51' 33" Sul, longitude: 41° 53' 36" Oeste possui 40 famílias das quais 28 estão envolvidas no projeto de apicultura.

“É uma sensação, uma distração, gosto de ser apicultrice, de trabalhar na atividade. Foi a melhor coisa que aconteceu. No início eram só 5 mulheres cada uma com 5 caixas, depois que foi crescendo.” (D. Adélia, junho 2013).

Nas observações iniciais feitas em Junho de 2013, na primeira viagem a campo na região de Simplício Mendes, registramos que as atividades com as abelhas eram normalmente executadas por homens, mas havia uma comunidade na qual havia forte participação da mulher na atividade. Na comunidade Moreira, uma das 36 comunidades cooperadas da COMAPI, tivemos acesso à apicultrice D. Adélia Mauriz, presidente da Associação de Moradores que é bastante ativa e possui dois apiários. Embora não possamos afirmar categoricamente que é apenas nessa comunidade que a participação das mulheres se destaca de forma representativa, fomos informadas de que em outras comunidades a participação feminina não é tão ativa quanto em Moreira. A divisão de funções do trabalho é predominantemente da seguinte forma: os homens são responsáveis pela colheita do mel e o seu transporte à Casa do Mel, sendo que após sua chegada, as mulheres se responsabilizam pela despeculação¹¹ e centrifugação.

Há registros de um forte patriarcalismo nas famílias em comunidades da circunvizinhança, com o homem exercendo o papel de chefe e o responsável em manter a

¹¹ Raspagem da cobertura de cera das placas de favos.

família, mesmo tendo a mulher uma atividade remunerada. Isso é bem observado na questão do espaço em que cada um exerce sua atividade: as atividades do homem são externas à casa, como no caso da roça e da colheita do mel. As atividades da mulher são internas à casa, como no caso das atividades domésticas e o trabalho dentro da casa do mel. A participação da mulher na roça, principalmente no período da chuva, se dá na parte da manhã até mais ou menos 11hs, sendo o seu trabalho visto apenas como auxiliar, não recebendo a mesma importância social que o trabalho do homem (SOUSA NETO, 2012).

FIGURA 5- Grupo trabalhando com centrífuga na Casa do Mel.



Fonte: MATON, C. 2014

FIGURA 6- grupo trabalhando na Casa do Mel.



Fonte: MAURIZ, A. 2014

De acordo com Sousa Neto (2012), que observou uma Comunidade chamada Patos, também no sudoeste do Piauí, os comunitários são bem organizados coletivamente e os sujeitos fazem mutirões para a construção de casas, consertos de cercas e até a construção de uma estrada para facilitar o acesso aos apiários ou o transporte da produção de mel depois de sua extração, que ocorre principalmente no período da floração. Nesta época o trabalho é mais intenso, sendo necessário ir ao apiário todos os dias. Há o cooperativismo no trabalho de extração do produto dos apiários, pagando-se o transporte do produto a casa do mel (SOUSA NETO, 2012).

Não obstante a cooperação indicada por Sousa Neto identifica formas de conflito que surgem na medida em que as mulheres passam a se organizar. Para apreender as modificações nas relações sociais dessas mulheres, é necessário observar suas especificidades e diferenciações tanto pelas dificuldades (transporte, dificuldade de acesso à saúde, emprego com carteira assinada), como pela sua maneira única de se deparar com o mundo a sua volta. Destaco estas dificuldades do meio rural a partir das impressões etnográficas que registrei, notando estas dificuldades presentes nos mais variados âmbitos, como no transporte das pessoas da comunidade até a feira em Simplício Mendes que custa 10 reais. Precisei num final de semana acompanhar d. Adélia até a feira e fui com mais 6 pessoas e 3 crianças na carroceria do carro, assim como num “pau-de-arara”¹². Outra dificuldade que observei foi quanto à qualidade do transporte das crianças até a escola que se assemelha a este tipo de transporte, ou ainda, ou, como foi bastante citado em entrevistas, o transporte do mel nos primeiros momentos da produção, em que se deve guardar os baldes em casa até que o caminhão da cooperativa os recolha nas casas dos cooperados. A segunda dificuldade mais citada nas entrevistas foi o acesso à saúde.¹³ A comunidade possui um posto de saúde, que recebe o médico só uma vez por semana. Na maioria das vezes os moradores vão logo até Simplício Mendes. Quanto à outra dificuldade indicada por Souza Neto, relativa ao emprego com carteira assinada, os moradores da comunidade de Moreira entendem que a carteira assinada prejudicaria o acesso ao Bolsa Família e ao Bolsa Safra. Além disso, uma das

¹² Nome dado a um meio de transporte irregular, e ainda utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste em se adaptar nos caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. É interessante que esse dia da semana (sábado pela manhã) é bastante aguardado principalmente pelas crianças, pois é quando elas tem a oportunidade de comprar algo diferente, uma roupa nova, entre outros. A maioria das pessoas que vão as compras são mulheres mesmo, neste dia, por exemplo, tinha dois homens, um deles, o motorista.

¹³ Inclusive, na comunidade tem um rapaz jovem, casado, acidentou-se de moto e no percurso de Moreira até Simplício Mendes, foi o tempo suficiente para que não restasse outra alternativa, a não ser a amputação de sua perna, reafirmando a falta de recursos e atendimento médico no local.

características das comunidades camponesas que estamos descrevendo é justamente sua autonomia frente a regimes de trabalho contratalizados e são mesmo poucos os postos de trabalho na região que sejam regularizados desta forma. Como cooperados, os camponeses (ou agricultores familiares) são identificados como pequenos produtores independentes, seu acesso à aposentadoria se dá através de outros canais como o sindicato e a aposentadoria rural.

Segundo Carneiro, o mel de abelhas nativas brasileiras consiste em uma forma tradicional de alimentação registrada em diversos relatos de viajantes e nas primeiras etnografias realizadas no Piauí (CARNEIRO, 1976 apud WADDINGTON, 2011). Waddington registra que:

As abelhas nativas do gênero meliponíneos e trigoníneos abundam na região tanto em quantidade como em diversidade, desde pequeníssimas abelhas solitárias a colméias construídas em delicadas estruturas arquetadas em tocos de pau ou a dois metros de profundidade do solo: tiúbas, jandaíras, mangangás, uruçus, munduris, moças brancas... As famílias sertanejas consumiam rotineiramente o mel como produto do extrativismo, tendo desenvolvido também formas de criação de abelhas domésticas (em especial tiúbas) em caixas penduradas no quintal, chamadas localmente de cortiços (WADDINGTON, 2011, p.6).

Através das entrevistas realizadas, por exemplo, à noite, durante a desorpecação, o mel é mais utilizado em caráter alimentício do que como remédio ou cosmético como diz o entrevistado:

A melhor coisa que já criaram foi o mel, porque além de trazer uma renda pra “nós”, também serve de alimento, porque dá pra fazer biscoito, adoçar o suco, não estraga e sempre dá pra servir” Pedro, 30 anos, (irmão de D. Adélia).

Verifica-se que a relação de trabalhadoras (assim como de trabalhadores) com esse universo da produção do mel modifica a percepção relativa ao meio ambiente, tanto porque este é o que possibilita o desenvolvimento de uma atividade familiar e característica da região e a inserção nas atividades da cooperativa envolvem processos de conscientização. Referindo-nos ao recorte da participação de mulheres nessa atividade, a compreensão socioambiental dessas mulheres se torna pauta indispensável ao estudo da apicultura. Elas percebem as relações que são estabelecidas entre as condições climáticas – pluviais e o produto final de seu trabalho, e vão aos poucos conhecendo as necessidades das abelhas para que elas resistam à produção do mel.

Pode-se perceber através de conversas com as mulheres de Moreira, que é uma atividade simples, fácil, e que com a vestimenta de macacão, luvas e botas se torna seguro

trabalhar, pois desta forma as abelhas deixam de ser uma ameaça. Contudo, o gênero feminino assume uma relação social de divisão de trabalho na cadeia produtiva do mel de acordo com as diferenças percebidas entre sexos.

2.5 O grupo de mulheres

As mulheres da Comunidade Moreira intitulam “grupo de mulheres”¹⁴, um conjunto de 5 mulheres que começaram a trabalhar com apicultura em 2007, quando o padre Gereon¹⁵ incentivou a cooperativa que lhes desse também acesso às colméias, Foi quando ganharam 5 caixas e começaram a trabalhar desenvolvendo assim a habilidade. Os homens ganharam 10 caixas e alguns deles não eram de acordo que suas respectivas mulheres trabalhassem com apicultura, porque segundo eles, “é muito calor” no apiário e o lugar mais adequado para elas é a casa do mel, por ser um trabalho interno. No início o grupo consistia de apenas cinco mulheres. Eram elas: Olinda, Lilian, Maria Madalena, Claudinéia e Avanir que tivemos a oportunidade de entrevistar, com exceção de Avanir que partiu para São Paulo e teve suas caixas vendidas. Essas mulheres foram adquirindo caixas dos que não mais queriam. O esposo de d. Olinda, seu Pedro é lavrador mas não se aproxima do apiário. Quando tudo começou, eram mulheres, que trabalhavam na roça (auxiliavam seus maridos) e os homens assim como disse dona (Olinda Batista, 56 anos), perguntavam para quê elas queriam dinheiro. Hoje elas possuem o próprio dinheiro, mesmo que seja gasto na casa e nas atividades de lavoura como cercas e ferramentas. A divisão social entre os sexos é vista como um processo inevitável, sendo imposta naturalmente, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de percepção, de pensamento, de ação e de comportamento (BORDIEU, 2002). A divisão sexual do trabalho pode ser visualizada na pequena propriedade rural na definição das posições sociais de trabalho para cada membro da família, homens,

¹⁴ Não é possível definir ao certo o ano em que todas as mulheres começaram a trabalhar com mel, porque enquanto umas começaram há 10 anos outras começaram há 3 anos, enfim, existe uma diferença em anos de experiências. Mas especificamente, este grupo começou em 2007.

¹⁵ Nasceu em 1937 em Berlin, na Alemanha, chegou no Brasil em 1966 e contribui para transformar a terra árida em porção produtiva de subsistência às famílias da área. Padre Geraldo incentiva principalmente as atividades produtivas, levando o agricultor a trabalhar em obras pesadas, ou no setor de apicultura de tal maneira que todas essas medidas de convivência com a seca fazem dele uma figura adorada pelo povo. O padre Geraldo Gereon luta há mais de 50 anos pelo desenvolvimento do semiárido e hoje mora em em São Francisco de Assis-PI.

mulheres, jovens, crianças e idosos, ou seja, por mais que o trabalho se complemente, existe uma definição de espaços e atividades.

Comumente quem define as funções é o homem, considerado de forma simbólica ou concreta, como “o chefe da família”. Essas relações são naturalizadas pelo habitus, ou seja, são passadas de geração para geração. Em alguns casos, essa organização assume caráter patriarcal, gerando desigualdades entre os sexos, ao invadir naturalmente a vida das pessoas, sendo sustentadas, pelas relações de poder, onde o homem se sobrepõe a mulher. Percebo ainda, que por mais que ocorra o “empoderamento” da mulher, refletido pelo exemplo de d. Adélia, que assume uma postura mais ativa que seu marido José, nem o seu trabalho na roça, nem seu trabalho na apicultura, nem suas vendas de produtos de cama, mesa e banho são mais importantes do que a família, refletida na postura de obediência que ela assume diante de seu marido. Caracterizo esse fato na ocasião em que fui de moto com ela para Simplício Mendes e por conta das entrevistas que precisava realizar não consegui terminá-las antes do sol se pôr. Foi quando d. Adélia aparentemente aflita me revelou que não poderia chegar em casa à noite, nem anoitecendo (ainda tínhamos 18 km a percorrer), porque seu marido não permitia. Pedi para que eu explicasse a ele os motivos pelos quais não chegamos antes de anoitecer, enfim, percebi uma mulher que por mais empoderada e determinada que fosse, não podia chegar à noite em casa. Tratava-se de um patriarcado enrustido, mas ao mesmo tempo claro e bem definido. Assim, é possível enxergar a sustentabilidade social manifestada pela participação das mulheres na atividade apícola, mas esse contexto está inserido num contexto que se por um lado permite um determinado o empoderamento de mulheres, por outro lado preserva as regras de uma comunidade patriarcal que se reafirmam.

As mulheres de Moreira, pelo que pude observar, não se sentem em desvantagem quando se referem aos maridos e ao casamento. Demonstraram realizar sua participação na vida da cooperativa e na atividade apícola em consonância com suas atividades e seu papel social no grupo familiar, valorizando a harmonia conjugal e investindo financeiramente no conjunto de atividades de provisionamento. A apicultura contribui positivamente na vida familiar e os problemas encarados nesse processo de empoderamento se tornam irrelevantes quando se observa os aspectos positivos promovidos pela apicultura na comunidade.

FIGURA 7- um dos apiários de D. Adélia. Este localiza-se a 2km da casa de D. Adélia e percorremos o caminho a pé.



Fonte: MATON, C. 2013

SEÇÃO III-MULHERES E O TRABALHO NA APICULTURA

3.1 A divisão sexual do trabalho e as desigualdades de gênero

A dominação masculina encontra, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação adrocêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produtos da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica (BOURDIEU, 2005, p.22).

Amparo-me em Bourdieu (2005), para iniciar a compreensão que o gênero masculino ocupa uma posição diferenciada e “vantajosa” quando pensamos sobre sua condição social, no trabalho e na família. Essa primazia afirmada decorre de uma divisão sexual do trabalho que está pautada nas determinações sociais daquilo que compete ao homem no trabalho e na vida doméstica. Compreende-se também que há fatores biológicos quando nos referimos aos trabalhos mais pesados, onde a mulher assume as tarefas mais leves, mas o que mais é possível observar, principalmente quando vamos a campo e estamos aptos a confrontar campo e teoria, é a questão de ordem simbólica, onde o que visualmente é normal, pode ser encarado (de uma visão mais próxima), como uma violência simbólica.

Como quando percebemos que está implicitamente compreendido que a mulher, por mais que trabalhe fora de casa e conquiste uma renda, não está independente. Mas será que essa mulher busca independência? Ou será que ela busca apenas independência financeira, para que assim se sinta empoderada, enquanto na realidade o homem continua a assumir as decisões fundamentais naquela casa. Mesmo que a mulher seja ativa no seu espaço de trabalho, ao chegar a casa assume o dever de servir e acatar as decisões do marido como num episódio do livro “*A dominação masculina*”, onde uma mulher trabalhava lavando roupas e um homem a encontra dizendo:

na fonte, és tu (quem dominas); na casa sou eu’. No espírito do homem são sempre estes últimos propósitos que contam, e desde então os homens gostam sempre de

montar sobre as mulheres. Foi assim que eles se tornaram os primeiros e são eles que devem governar (BOURDIEU, 2005, p.14).

Através de estudos sobre o trabalho feminino em diferentes regiões, Paulilo (1986), esclarece que as atividades se classificam geralmente entre leves e pesadas onde, as atividades agrícolas realizadas por homens tendem a ser mais pesadas do que as atividades das mulheres. Argumentando que não se trata da atividade em si, sobre seu peso ou leveza, mas esses significados são atribuídos em função do gênero que os realiza. A autora retoma a discussão sobre o trabalho leve e pesado, e ressalta sua repetição em relação ao trabalho doméstico (mulher) e produtivo (homem) (PAULILO, 1986). É sempre motivo de reflexão porque essa separação de atividades acaba por limitar algumas áreas da socialização.

Compreendo dessa forma, que homens e mulheres possuem aptidão e potencial para desenvolver as mesmas atividades, mas essa necessidade de realizar uma divisão sexual do trabalho, contribui para as desigualdades ainda mais presentes. Não quero aqui inverter valores, ou afirmar que homens e mulheres devam trocar seus “afazeres”, proponho discutir a liberdade no trabalho onde o homem que, por exemplo, trabalhe com mel e vista o macacão não se sinta em desvantagem visto que é um trabalho assim como qualquer outro no sentido de que trás um retorno financeiro em prol de sua família. Digo isso, porque existem relatos de homens que um dos motivos pelos quais não trabalham como apicultores é o fato de ter que vestir o macacão o que seria uma ofensa para sua masculinidade. Quanto aos homens que realizam a atividade, estes já ultrapassaram esta barreira citada anteriormente, mas existe o relato da divisão sexual do trabalho:

Para colher o mel na casa é bem melhor para as mulheres, porque no apiário é mais duro e eu sempre falo pra ela (d. Madalena, esposa), que é meio brabo, aliás para toda mulher né, agora lá na casa do mel eu concordo. Creio que o homem tem mais resistência e aquele macacão é quente, tem vez que desmancha até a cera dentro e as abelhas vão embora porque é muito calor (MILTON, 50 anos).

É importante retomar a discussão sobre trabalho leve e pesado, onde, dentro da atividade apícola existe essa divisão que fica explícita ao observarmos várias mulheres na Casa do Mel¹⁶ realizando o trabalho interno e o homem realizando o trabalho externo (no apiário), mas é esse diferencial onde encontramos homens trabalhando na Casa do Mel e mulheres sendo apicultoras em todas as etapas do processo produtivo que existe a

¹⁶ Local onde são realizadas as atividades de centrifugação para que o mel passe pelo processo de limpeza e esteja apto para ser entregue a cooperativa.

possibilidade de deter a liberdade no exercício do trabalho configurando não apenas uma independência financeira, mas também uma independência de decisões constituindo assim, o empoderamento social onde a submissão possa (mesmo que aos poucos) se converter em consenso, diminuindo as desigualdades entre os gêneros.

Rowbotham (1998) discute que o poder é um termo importante de ser analisado dentro de uma perspectiva crítica, pois muitas vezes ele pode ser estruturado de forma prejudicial a alguma camada da sociedade. Assim, alerta para o fato de que:

[...] o conceito de gênero (...) pode congelar nosso olhar tornando difícil enxergar aqueles aspectos da subordinação das mulheres afetadas por outros fatores sociais.". Com tal perspectiva, na análise das desigualdades de gênero, não podemos abstrair as desigualdades de classe, etnicidade e raça que tornam mais dramáticas as vivências dos indivíduos e, mais especificamente, das mulheres (ROWBOTHAM, 1998).

Conforme Anita Brumer (1996) um relatório de 1988 da Secretaria da Comissão Feminina da comissão das Comunidades Europeias, nos mostra que na unidade produtiva o trabalho da mulher é visualizado e recebido como algo natural e que faz parte do seu dever de cônjuge e, ainda, de colaboradora (BRUMER, 1996). A necessidade de se desenvolver programas sociais que contribuam para uma visibilidade maior do trabalho feminino contribui para que estas possam exercer seu papel social onde lhes são atribuídos direitos e responsabilidades em consonância com a igualdade social, econômica e política. Essa perspectiva solicita cada vez mais a implantação do tema gênero nas Políticas Públicas (OLIVEIRA, 2010).

3.2 A mulher inserida no Desenvolvimento Sustentável

Desenvolvimento sustentável é um termo muito amplo e geralmente ele se encontra no início de algum texto. Neste caso seria no início desta dissertação, mas o que pretendo apresentar utilizando o Desenvolvimento Sustentável, além do seu conceito, é de que forma a participação da mulher na apicultura contribui para esse desenvolvimento através do pilar social.

O relatório "Nosso Futuro Comum" de 1987, conhecido como "Relatório Brundtland", conceitua Desenvolvimento Sustentável da seguinte forma: "o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades" (WCED, 1991).

Sachs (2008) repensa a participação da mulher no trabalho produtivo e afirma que são justamente elas que realizam a maior produção de alimentos consumidos no mundo, tornando seu potencial tão importante quanto o potencial dos homens. Shiva¹⁷ (1993), afirma que a maior parte das pessoas do mundo pode não compreender que a busca por um estado de bem significa uso de menos recursos, pois pode vir a parecer com degradação ou pobreza. Destaca atenção para a desvalorização do trabalho das mulheres e das crianças visto que, o trabalho desses dois grupos de uma família é de muita relevância, pois se não houvesse, impossibilitaria o desenvolvimento do próprio homem da família contribuindo para a garantia do provimento das famílias e que para a economia é negligenciada (SHIVA, 1993, p.96).

O Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura – IICA, em 2003, considera que a agricultura familiar (incluindo o trabalho de mulheres e crianças) como uma estratégia de sobrevivência. Os agricultores preservam os diferentes tipos de cultivos da alimentação básica (mandioca, feijão, milho), a criação de animais de pequeno porte (ovinos, suínos, caprinos), assim como o gado bovino¹⁸ no espaço da agricultura familiar. O Instituto registra que as mulheres “tem habilidades e experiências necessárias à condução de um processo de desenvolvimento local sustentável” (IICA, 2003). A biodiversidade é preservada por intermédio da seleção de sementes e preservando a cultura dos quintais¹⁹ (LISBOA, 2010).

Para Ignacy Sachs muitas são as alternativas para a proposição de um mundo em que os contextos de vida se tornem menos desiguais e para sermos mais diretos no quesito desequilíbrio social, que seja menos “sofrido”, não apenas para as mulheres, que está no foco deste trabalho, mas numa sociedade em si que “roga” por meios de sobrevivência, estas alternativas estão presentes na inclusão social, equidade, igualdade e solidariedade. Propondo como objetivo maior do desenvolvimento a promoção da igualdade e a maximização das vantagens dos que se encontram em situação precária, reduzindo a pobreza, contraditoriamente desnecessária no mundo de abundância em que vivemos. Sachs apresenta os cinco pilares do desenvolvimento sustentável: o social, o ambiental, o territorial, o econômico e o político (SACHS, 2008).

¹⁷ Vandana Shiva é física, filósofa, pacifista, feminista indiana. É uma das pioneiras do movimento ecofeminista. Ela afirma que o Ecofeminismo é colocar a vida no centro da organização social, política e econômica. As mulheres já a fazem porque é deixada para elas a tarefa do cuidado e da manutenção da vida.”

¹⁸ As crianças da comunidade auxiliam na retirada do leite dos animais assim como na alimentação dos animais menores através de mamadeiras.

¹⁹ É um trabalho contínuo, todos os dias pela manhã ou pela tarde os quintais (representados pelas hortas) devem ser aguados, essa atividade está mais ligada às mulheres e as crianças também auxiliam. A estrutura observada na comunidade para a manutenção dessas hortas foram a de “latada”, constituída através de uma estrutura de madeira que sustenta a horta.

Neef (2003) percebeu o empoderamento das mulheres como um processo de desenvolvimento alternativo, sintonizando a perspectiva da ideia de riqueza não ligada ao dinheiro em si, mas nas possibilidades de desenvolvimento que capacita as mulheres a serem sujeitos de sua própria ação dentro da sociedade, mesmo que seja uma sociedade capitalista, é possível retomar o conceito de empoderamento que por consequência positiva ergue a ideia de visibilidade feminina (NEFF, 2003, p. 2).

A atividade apícola é geradora de várias transformações na Comunidade Moreira. As mulheres são referência, inclusive d. Adélia foi presidente da Associação dos Pequenos Produtores da comunidade, mostrando uma participação ativa e através do exemplo, capaz de envolver várias outras mulheres, tornando-as associadas não apenas da associação (pré-requisito básico para se cooperar na COMAPI), mas aos objetivos de uma melhoria de vida onde se há alternativa de trabalho e que esse trabalho seja recompensado através da renda e do bem-estar.

Ainda sobre a questão do Desenvolvimento Sustentável, existe uma corrente de pensamento chamada Socioambientalismo que no Brasil, é um conceito em construção, permeia a ideia de integrar políticas setoriais, suas perspectivas e atores, num projeto de Brasil que tenha um perfil alinhado à nossa realidade, e por isso mesmo pretende uma busca de integração com os direitos humanos (SILVA, 2008).

O socioambientalismo é construído de diferentes propostas onde as dimensões social, cultural, econômica, política e ambiental se articulam tornando-se complementos conceituais e práticos da vida em sociedade. Na atualidade, o socioambientalismo também dialoga até mesmo com áreas da espiritualidade, visto que, o socioambientalismo é de fundamental importância para a sobrevivência da espécie humana. Siqueira (2008), afirma o relacionamento da ética ambiental com os movimentos ambientalistas, com as culturas tradicionais e com a doutrina social da Igreja (SILVA, 2008), podemos lembrar o contato direto que as mulheres estabelecem com a paróquia da comunidade como uma forma de se relacionar com uma evolução. Com isso, a apicultura pode ser visualizada como um elemento que agrega valor às relações sustentáveis que devem acompanhar uma atividade que abrange tantas famílias no semiárido nordestino. A apicultura faz parte desse projeto de desenvolvimento sustentável.

A relação entre sociedade e agricultura é mais estreita quando se considera a multifuncionalidade dos espaços agrícolas e o desenvolvimento de uma agricultura de proximidade, ou seja, quando aquela atividade não é algo intercalado, ou mesmo optativo, mas simplesmente faz parte da vida no campo e é improvável que se viva no meio rural sem a

agricultura. Os debates sobre noção de agricultura que atende aos variados tipos de produções propõem a reinterpretção do papel dos estabelecimentos do campo, onde se leva em consideração a sustentabilidade ecológica, sócio-econômica e cultural das atividades agrícolas além das especificidades da paisagem aos quais estão inseridas. Assim, é possível valorizar as funções produtivas da agricultura e ir além, reconhecendo também que a presença humana nos ecossistemas pode desempenhar um papel positivo na conservação da biodiversidade, da paisagem, da sociedade e das culturas variadas que se encontram nos territórios rurais (NAREZI, 2012).

A multifuncionalidade da agricultura proporciona mobilização de arenas políticas diferenciadas, apresentando-se como a expressão de novas demandas sociais, possibilitando que o meio rural se torne o mais próximo possível da ideia de contribuição econômica social que oferece oportunidades de desempenho aos que ocupam uma classe com pouco acesso, reconhecendo e valorizando contribuições específicas e não mercantis dos agricultores familiares (CARNEIRO; MALUF, 2003). Esse termo “multifuncionalidade” se torna algo que nos permite abrir um mundo de possibilidades não apenas em relação a natureza mas a própria natureza do pensamento humano, independentemente de se buscar boas oportunidades para homens, mulheres ou jovens da vida rural. A agricultura possibilita que muitas famílias se desenvolvam, se mantenham e se expressam provocando uma mobilidade no campo das caracterizações políticas e econômicas. Compreende-se que a apicultura é uma atividade geradora de renda, de expressão também, mas durante entrevistas realizadas com apicultoras, quando questionadas se elas se reconhecem como apicultoras, a resposta veio com firmeza por algumas destas neste sentido: “claro, sou apicultora, é do mel que tiro boa parte da renda” (Madalena, 50 anos), mas isso não se generalizou, porque outras entrevistadas afirmaram que antes de tudo vem a roça, ou seja, mesmo sendo apicultora, se auto definem como agricultoras.

Mas o que faz a apicultura estar inserida no Socioambientalismo?

Interpretando o conceito de desenvolvimento sustentável como dinâmico, Sachs (1997, apud BELLEN, 2006, p. 33), defende que este se apoia em cinco dimensões: a sustentabilidade social, econômica, ecológica, geográfica e cultural. Existem inúmeras definições para o conceito e a mais conhecida delas, é a elaborada a partir do Relatório Brundtland, sendo o desenvolvimento sustentável concebido como “um processo que permite satisfazer as necessidades da população atual sem comprometer a capacidade de atender as gerações futuras” (LEFF, 2001, p.19).

Dessa forma, a apicultura está inserida no socioambientalismo porque nela se prevê as

necessidades do desenvolvimento sustentável que por sua vez, se alinha as perspectivas socioambientais. Assim como afirma Bornzo (2006 apud SANTANA, 2007, p. 17) que a sustentabilidade social pode ser aqui considerada como empoderamento e as pessoas vão desenvolvendo a capacidade de tomar decisões à favor da natureza. O termo empoderamento (ou empowerment):

envolve poder e implica em alterações das relações de poder em favor aqueles que contavam com pouco poder para manejar suas vidas, no sentido de ter maior controle sobre elas (SEN, 1997, p. 2).

A sustentabilidade social, vista como empoderamento, serve de base para o desenvolvimento local sustentável, o qual deve ser estimulado, pois mobiliza os sujeitos a se organizarem de modo a “reduzirem a pobreza, gerarem riquezas, e agregarem valor na escala produtiva” (BUARQUE, 2002, p. 27).

Esta realidade representa uma possibilidade de crescimento econômico, alicerçado nas potências locais e na qualidade de vida das pessoas que trabalham nessa busca, nesse interesse, nessa luta pelo crescimento, é interessante que quando estudamos o ser “mulher”, não nos distanciamos da busca por uma sociedade que pense mais no próximo, pois quando pensamos na mulher trabalhadora rural, pensamos na forma que ela se desenvolve em busca de uma melhoria de vida para toda a sua família. Concordando com Teixeira (1997, p.186), participação significa fazer parte, tornar parte, ser parte de um ato ou processo, de uma atividade pública, de ações coletivas. Partindo do pressuposto, o que se vislumbra é a atuação das comunidades, lado-a-lado com a Unidade, numa parceria que busque contemplar os ideais de produção e de exploração com os ideais de garantir a integridade dos recursos naturais.

Um fator interessante a ser observado é a união dos apicultores, como foi percebido na fala de uma entrevistada, “o tempo do mel pra gente é que nem o tempo dos produtores de café, tinha produtores e compradores, só não há a desunião daquele tempo, porque aqui todos se ajudam” (Joselene, 33 anos). Reforçando que essa noção de se fazer integrante de um processo produtivo constitui o desenvolvimento satisfatório da atividade.

3.3 Gênero e Desenvolvimento

A atividade de roça na comunidade Moreira representa para os agricultores uma atividade masculina local que afirma sua identidade de gênero.²⁰ O que é possível observar

²⁰ Identidade de gênero é um conceito que representa como as pessoas se identificam e como querem ser vistas, por exemplo, um homem que possui características biológicas de homem, se identifica e quer ser visto como homem constitui sua identidade de gênero.

com relação a essa identidade de gênero na comunidade estudada é que os homens tem uma preocupação de se firmarem enquanto homens, de serem visto como homens assim como tem um certo pensamento que suas mulheres também devem se firmar enquanto mulheres e serem vistas como tal. Com isso, o trabalho apícola para alguns homens não era para ser um trabalho exercido por mulheres, mas aos poucos a atividade foi inserida na vida da comunidade, esses mesmos homens que não eram a favor, foram aceitando e passando por um processo de compreensão principalmente do ponto de vista da renda, onde a vida da família melhora e o poder aquisitivo se desenvolve.

Acredito que o papel da mulher e do homem diante das atividades que estão no entorno passa por um processo de inversão e de complementação onde a atividade apícola antes desenvolvida apenas por homens passou a ser realizada por mulheres já outras atividades onde os homens antes não eram muito próximos, passaram a ser realizadas por eles também como uma forma de complemento e auxílio a essas mulheres. Estamos certos que não podemos generalizar, pois embora as famílias de Moreira possuam muitas características em comum, é possível também entender que as diferenças estão presentes e vai variar de acordo com o comportamento e personalidade de cada membro da família.

Woortmann (1998) estudou os seringais na Amazônia e observou que, na medida em que a floresta vai sendo desmatada os homens aparecem no plano de discurso do “desenvolvimento sustentável” como se eles fossem os únicos afetados pelo desmatamento. Fiuza (2006), afirma que o desenvolvimento dentro de uma perspectiva ecológica está ainda mais atrelada a mulher e ela tem sido inserida cada vez mais em programas voltados para o meio ambiente (FIUZA, 2006). Naturalmente o lugar da mulher vem sendo definido e a postura de gerir a renda que a atividade apícola proporciona também faz parte desse movimento de desenvolvimento, embora entendamos que o ato de “gastar” o dinheiro seja um consenso entre os casais. Acredito que a atividade apícola pode ser considerada como um marco para esta comunidade, porque o fato da mulher participar da renda e do gasto dessa renda é um início para a construção de uma comunidade e sociedade mais equilibrada socialmente e economicamente, visto que, ambientalmente a apicultura é vista como uma atividade que traz um equilíbrio para a natureza proporcionando a construção de uma comunidade mais sólida e completa.

FIGURA 8- Horta de verduras no quintal



Fonte: MATON, 2014

SEÇÃO IV- COOPERATIVISMO: REFLETINDO SOBRE A ATUAÇÃO FEMININA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

4.1 A apicultura se inter-relaciona no cotidiano das famílias

O Piauí é destaque nacional e internacional na apicultura, em função de sua grande produção e da qualidade do mel. Sua importância, além de ser caracterizada como socioeconômica, é também ambiental, pois oferece mão-de-obra familiar, gerando renda; é uma oportunidade de negócio lucrativa, melhorando a qualidade de vida como fonte de alimento para famílias produtoras; é uma alternativa de emprego na entressafra de outras culturas, e de forma indireta preserva a flora nativa para as abelhas demandarem o néctar.

Durante a pesquisa de campo, pude observar na comunidade Moreira que a atividade apícola se tornou, para as famílias, uma estrutura de conhecimento que é passada para os filhos, irmãos e parentes em geral assim como entre a vizinhança. É interessante o fato de que algumas pessoas não se interessam tanto pela atividade, como no caso de maridos que fazem a opção pela roça, mesmo quando está no período de colheita de mel, isso não os impede de auxiliar suas esposas.

Observou-se impactos da área econômica:

- geração de renda;
- A apicultura complementa a agricultura de subsistência;
- desenvolvimento do comércio local;
- aumento do comércio relacionados à atividade apícola;

Analisando esses impactos e à luz da Antropologia, observa-se que mesmo se tratando de impactos de grande escala, percebemos a importância da mulher apicultora, contribuindo para o funcionamento da estrutura camponesa chegando a alcançar grandes e médios resultados, ou seja, sem a força de trabalho da mulher tanto no âmbito domiciliar como no campo não seriam possíveis tamanhos resultados.

Outro avanço em termos de equidade de gênero é a criação em 1996, do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar, no âmbito do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, e vinculado, atualmente, ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). O Pronaf busca conceder melhoria da capacidade produtiva, de geração de emprego e de renda dos agricultores familiares e de suas famílias (BARSTED, 2002).

Algumas mulheres são contempladas pelo PRONAF – MULHER, visto que o programa foi lançado no Piauí em 2005 através da Assistência Social e Cidadania (Sasc), na

Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Piauí (FETAG-PI), o Pronaf Mulher, que é destinado às trabalhadoras rurais ou esposas e companheiras de agricultores. O programa consiste na abertura de uma linha de crédito especial para financiar atividades agropecuárias ou não agropecuárias, desenvolvidas por mulheres, como o artesanato - objetos de madeira, bordados, rendas, pintura, por exemplo -, produção de doces, alimentos, turismo rural, entre outras.

No caso da Comunidade Moreira, foi destinado investimento na fábrica de polpas em que as mulheres encontram uma alternativa para a complementação de renda, a estrutura física da fábrica de polpa encontra-se logo ao lado da Casa de Mel.

O Pronaf Mulher, segmento do PRONAF, libera empréstimos facilitados e diferenciados por três faixas de renda familiar anual.

A família de D. Adélia, assim como as outras entrevistadas nesta pesquisa se inserem na renda anual entre R\$ 14 mil e R\$ 40 mil, contudo, não foi detectado o benefício do Pronaf pelas mulheres de Moreira. A vida das mulheres na comunidade se formos observar com um olhar mais aguçado, tem acesso a uma renda provendo as necessidades da família.

O PRONAF expressa o reconhecimento, por parte do Estado da grande importância da agricultura familiar para a revalorização do campo, visto que a mesma tem demonstrado ser possível unir a economia e a sociedade como forma de estabelecer a eficiência (GUANZIROLI et al, 2001), contribuindo para o desenvolvimento de melhores condições de vida (MARQUEZ, 2002) pois incorpora em sua gênese, atributos cuja natureza envolve a adesão a valores éticos e morais.

A busca ao observar a atividade apícola neste trabalho também é de se basear no princípio de que a superação da desigualdade entre os gêneros requer o equilíbrio entre mulheres e homens em termos de recursos econômicos, direitos legais, participação política e relações pessoais, o que pode ser impulsionado na medida em que a perspectiva de gênero seja incorporada nas políticas públicas.

Observa-se que as mulheres conferem o interesse familiar como o mais importante, ficando em segundo plano os interesses pessoais representando assim a “luta feminina por trabalho” (WANDERLEY, 2003). No momento atual, o fundamental é considerar que novos conflitos se tecem a partir das experiências vivenciadas no cotidiano, que disputas de poderes se constituem no interior das famílias e que tudo indica que esta tensão é ainda maior quando a questão de gênero é debatida.

“Antes quem trabalhava com mel era só os homens lá no Grotão, com o Chico Coêlho (um dos incentivadores das mulheres apicultoras).” (Milton, 50 anos)

Camila - Mas quando ela começou a trabalhar com mel, o que foi que o senhor achou?

Milton – “Olha, aí eu acho que não sei explicar não, não sei se eu queria ou não, o que importa é que eu me acostei e mais ou menos, é porque lá no apiário é muito quente, muito calor, pra elas fica muito ruim sabe.” (Milton, 50 anos, esposo de D. Madalena).

A entrevista possui subjetividades, D. Madalena estava nos bastidores acompanhando a entrevista e esta, numa entrevista anterior já havia confirmado que ele não aceitava a atitude dela trabalhar com mel e foi aceitando aos poucos.

Mesmo que as mulheres, juntamente com as crianças, participem de atividades no roçado consideradas “próprias” para as mulheres, mesmo sendo algumas dessas atividades exclusivas das mulheres, como a plantação e a limpeza do roçado, este acontecimento não anula a percepção de que a mulher não trabalha no roçado. Ou seja, a classificação de trabalho é dada somente às atividades realizadas pelo homem. As atividades feitas pelas mulheres não são vistas como trabalho e sim como tarefa ou atividade subsidiária (NEVES, 1994), ou mera ajuda ao grupo doméstico. Este fato, porém, não incomoda as mulheres ouvidas nesta pesquisa. Ao contrário, elas consideram que seu dever é ajudar seus maridos. É o que nos revela uma de nossas entrevistadas:

“Antes de o sol nascer eu já tenho que levantar porque se não, não dá tempo, faço o café, dois dos meninos tem que ir pra escola, vou pra roça, quando dá umas 10:00 hrs da manhã volto pra fazer o almoço, as vezes quando me atraso, apresso o passo porque quando dá meio dia o resto do dia passa mais ligeiro ainda, tenho que ajudar mesmo porque tem a casa pra manter né, e só ele não dá, aqui todo mundo ajuda, até as crianças (V. S. 35 anos, Pesquisa de Campo, 2014).

Nesse momento fica a indagação sobre o que significa de fato a luta diária dentro de uma comunidade em que o fator intergeracional, onde as famílias aprendem culturalmente, assim como as outras famílias, podemos desbravar esse mundo de pensamentos longos e as vezes curtos, novos ou velhos, mas que, dinamizam a vida no campo, podemos refletir:

Estrutura familiar aqui entendida como a família ou o grupo social ligado por laços legais, por direitos e obrigações econômicas, religiosas e de outro tipo. Trata-se de uma rede, precisa de proibições e de direitos sexuais além de uma quantidade variável e diversificada de sentimentos psicológicos tais como o amor, afeto, respeito, temor (LEVI-STRAUSS, 1980).

Identificamos os mutirões para desorpecular o mel das melgueiras, geralmente acontece à noite em uma casa da família responsável pelo apiário, daí quando há necessidade de outras famílias precisarem do auxílio, é recíproco, como forma de obrigação de retribuir.

Os estudos de Mauss (1988) sobre as economias das sociedades arcaicas dão conta de que o sistema de troca se funda em relações de reciprocidade afetivas, para além do aspecto utilitário das trocas materiais de bens e riquezas. Segundo Mauss (1988, p. 191), as trocas nas sociedades arcaicas se fundamentavam no campo das relações de:

[...] amabilidades, festins, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente, [...] tudo é complementar e supõe a colaboração das duas metades.

A participação da mulher é fundamental para a manutenção da família, a organização do mutirão é um exemplo cabal. Significa dizer que o papel da mulher é indispensável para a sobrevivência material e imaterial da unidade família. O trabalho com o mel faz parte da vida da comunidade de tal forma, que aos poucos, a cada ano eles se tornam mais experientes - familiarizados com o manejo da atividade.

Chayanov (1981), afirma que as necessidades atendidas na vida rural confere o real objetivo das unidades produtivas, ou seja, é uma troca diária, as necessidades surgem e vão sendo supridas, isso significa uma vida rural bem produtiva e estável. O autor destaca que as características fundamentais da produção familiar é a ausência de salário para os trabalhadores (tanto homens, como mulheres e crianças) e a complementaridade existente entre o consumo e a produção, ou seja, “se produz e se consome satisfatoriamente”. Segundo ele, o ponto de equilíbrio interno é dado pela composição da família (seu tamanho e quantidade de trabalhadores e não trabalhadores) e pela capacidade de trabalho que possui que equivale a capacidade de consumo.

Foi interessante notar que o grupo familiar se comporta em constante sistema de cooperação, os filhos e os maridos das respectivas apicultoras contribuem na atividade, mas é de ampla percepção, através da subjetividade da fala e dos comportamentos, que a mulher está à frente da atividade.²¹ Dessa forma também é possível considerar que existem homens e mulheres que se comportam de acordo com suas personalidades e tradições familiares.

²¹ Me refiro diretamente às mulheres pesquisadas, onde estas levam com notória liderança a atividade. Os aspectos que levam a acreditar nesta liderança são: são apicultoras com registro na cooperativa, participam de forma ativa da Associação de Pequenos Produtores, desde quando tive meu primeiro contato com a cooperativa em 2013, estiveram presentes nas reuniões da cooperativa e durante a pesquisa de campo os homens ocupavam um lugar mais passivo e muitos deles simplesmente não faziam questão de conceder entrevista ou até mesmo conversar sobre o assunto, colocando suas respectivas esposas à frente da situação.

4.2 COMAPI: instituição e suas definições

Reguladas pela Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971, as Sociedades Cooperativas foi definida por Zalunca (2012), no livro Manual das Sociedades Cooperativas:

Cooperativa é uma associação de pessoas com interesses comuns, economicamente organizada de forma democrática, isto é, contando com a participação livre de todos e respeitando direitos e deveres de cada um de seus cooperados, aos quais presta serviços, sem fins lucrativos.

De acordo com Zalunca (2012), a sociedade cooperativa apresenta os seguintes traços característicos:

- 1) É uma sociedade de pessoas.
- 2) O objetivo principal é a prestação de serviços.
- 3) Pode ter um número ilimitado de cooperados.
- 4) O controle é democrático: uma pessoa = um voto.
- 5) Nas assembleias, o “quorum” é baseado no número de cooperados.
- 6) Não é permitida a transferência das quotas-par-te a terceiros, estranhos à sociedade, ainda que por herança.
- 7) Retorno proporcional ao valor das operações.
- 8) Não está sujeita à falência.
- 9) Constitui-se por intermédio da assembleia dos fundadores ou por instrumento público, e seus atos constitutivos devem ser arquivados na Junta Comercial e publicados.
- 10) Deve ostentar a expressão “cooperativa” em sua denominação, sendo vedado o uso da expressão “banco”.
- 11) Neutralidade política e não discriminação religiosa, social e racial.
- 12) Indivisibilidade do fundo de reserva entre os sócios, ainda que em caso de dissolução da sociedade (ZALUNCA, 2012, p.1).

Ainda é possível caracterizar a Cooperativa Mista da Microrregião de Simplício Mendes como uma cooperativa de trabalho.

A cooperativa existe com o intuito de prestar serviços a seus associados, de tal forma que possibilite o exercício de uma atividade comum econômica, sem que tenha ela fito de lucro. A COMAPI se encontra no grupo das Cooperativas de trabalho em que se considera a sociedade constituída por trabalhadores para o exercício de suas atividades laborativas ou profissionais com proveito comum, autonomia e autogestão para obterem melhor qualificação, renda, situação socioeconômica e condições gerais de trabalho. A regulamentação das referidas cooperativas é determinada pela Lei 12.690/2012.

Principais clientes no exterior, Estados Unidos: Lamex, Wholesome. Quanto as safras, esses foram os dados informados pela cooperativa.

Safra 2009 - 254 toneladas;

Safra 2010 - 171 toneladas;

Safra 2011 - 411 toneladas; (Pago ao apicultor R\$ 5,00/kg)

Safra 2012 - 61,5 toneladas; (Pago ao Apicultor R\$ 5,20/kg)

Safra 2013 - 86,5 toneladas; (Pago ao Apicultor R\$ 5,80/kg)

Safra 2014 - 240 toneladas; (Pago ao apicultor R\$ 6,00/kg)²²

Os membros desta comunidade estão associados à AAPI desde 1995 e mesmo depois da COMAPI assumir a comercialização do mel, os produtores continuaram repassando sua produção. As áreas exploradas por cada família gira em torno de 27 ha e as famílias que não tem terras moram e trabalham nas propriedades dos seus pais. Na comunidade não existe esta prática de contratação de mão de obra e sim troca de serviços (mutirão) para efetivação de seus trabalhos. O volume de produção estimado é de 19.775 kg de mel. Utilizamos para identificar o produtor e facilitar a rastreabilidade do produto, códigos que no caso desta comunidade vai de 228 a 247 (informação – COMAPI, 2014).

O gerente comercial da COMAPI, Paulo José, relatou a sua experiência com a cooperativa através de algumas informações:

“Em 2009 assumi a gerencia da cooperativa com o desafio de alavancar a produção da COMAPI que sempre esteve abaixo de 200 toneladas, começamos a trabalhar focando nos objetivos para que a COMAPI alcançasse a sua auto sustentação, que é o nosso sonho né, o nosso desejo, já conseguimos ultrapassar 200 toneladas em 2011, em 2009 o primeiro ano meu aqui como gerente a gente exportou 250 toneladas de mel e em 2011 4011 toneladas. Então já é um começo, em 2012 e 2013 tivemos uma queda de safra em função da estiagem e da perda de enxames e em 2014 voltamos com “gás”, temos parceria comercial com pessoas que entendem de mel e de abelhas, para exportar pelo menos 30 containers, que é aproximadamente 600 toneladas de mel. São mais de 40 comunidades e tem algumas agora que estão em processo de implantação, eram 36, mas agora tem mais 8. Então são 645 cooperados. As mulheres ainda são um numero pequeno, aqui na nossa região, no nordeste todo praticamente, a figura do homem como representante da família, toma conta do negócio, então eu não sei dizer exatamente quantas mulheres tem como cooperadas, mas deve ser de 5% a 10% do total, mas majoritariamente são homens. Na COMAPI, na verdade o empreendimento que hoje tem o nome COMAPI, mas que antes era AAPI, houve um

²² Estas informações foram passadas através do gerente comercial da COMAPI, é de se perceber que além das relações de trabalho exercidas pelo referido gerente, muitas mulheres tem uma relação estreita de amizade e o tem como um amigo, responsável pelo pagamento do mel recolhido pela cooperativa.

processo de mudança em 2007. Mas desde 2007 recebemos o apoio de várias instituições, como as de governo e as não-governamentais. Mas o nosso principal incentivador é o padre Geraldo que é a pessoa que começou a apicultura aqui na região, que introduziu essa atividade aqui no meio dos sertanejos, ele incentivou essas pessoas a criarem abelhas e ele montou toda a estrutura que nós temos aqui hoje para exportar mel, ele construiu isso através das campanhas que ele faz para conseguir dinheiro através da igreja, hoje através de uma ONG chamada Fraternidade São Francisco de Assis, então ele incentivou e percebeu que a “coisa” poderia ter um volume maior de negócio e montou uma estrutura de entreposto, uma estrutura administrativa e apoia moralmente e também financeiramente. Outras instituições como o SEBRAE, EMBRAPA, BANCO DO NORDESTE, CODEVASF, UFPI a UNISOL. Hoje o mel mais claro está sendo pago a 150 reais e o mel mais escuro é 140 reais. O mercado paga pela faixa de cor. A informação que os apicultores detêm é que o mel varia de acordo com a florada visitada, a cor, o sabor, o aroma, depende da florada que as abelhas visitam. “Nós temos clientes que compram da COMAPI desde 2004, ou seja, antes mesmo de ser COMAPI, ainda era AAPI, aí depois que a AAPI mudou a sua razão, a cooperativa foi criada e o SIF foi transferido para o nome de COMAPI, esses clientes continuam fiéis e comprando da gente, na verdade são parceiros que até antecipam uma parte do valor pra gente poder fazer o pagamento para nossos associados”.

4.3 O impacto de décadas de apicultura, narrativas e benefícios alcançados

A apicultura piauiense gera impactos sociais, econômicos e ecológicos, na região do semiárido, emprega várias famílias compondo uma grande quantidade de cooperados nas cooperativas do sudoeste do Piauí, o fluxo de renda se torna maior quando essas famílias se empenham na atividade, embora dependam de recursos naturais, o produto possui uma renda que vale a pena o investimento emocional e de tempo, uma vez que, ao empregar mão-de-obra familiar reduz a dependência dos produtos agrícolas de subsistência e as famílias permanecem mais tempo na área impactada. A flora nativa é preservada além de várias espécies animais que dependem, inclusive, dessa flora.

A apicultura no Piauí como atividade econômica é recente, geralmente inicia como uma atividade complementar, familiar e secundária. As comunidades vem se envolvendo com a atividade desde 1990 onde, a agricultura tradicional se aliou ao crescimento econômico e a apicultura passou a ser considerada uma atividade que se somava a outras rendas. Este conjunto de fatos provocou um aumento significativo do número de apicultores e, em

consequência da produção de mel. Os apicultores são agricultores que cultivam produtos tradicionais (milho, feijão, arroz, mandioca) tornando-se assim pluriativos nas suas atividades de geração de renda e consumo. Foi importante que esses agricultores começassem a praticar a atividade antes mesmo de serem capacitados, pois assim, o potencial humano uniu-se ao potencial natural das condições climáticas e de vegetação (VILELA, 2000).

Autores como Vilela (1999; 2000a; 2000b), indica que o ano de 1975 “marcou o princípio da atividade apícola praticada de forma racional, voltada para o mercado, em contraste com a pequena comercialização de excedente praticada, até então, pelos “meleiros””²³.

Como já citado no início deste trabalho, de São Paulo vieram os primeiros apicultores, colocando o estado na rota da apicultura migratória, mediante a instalação dos apiários das Famílias Wenzel e Bende, com o objetivo de se aproveitar a vasta florada da caatinga existente no semiárido piauiense. Sobre o contexto, o Sr. Adilson Manoel Wenzel, integrante dessa família, relatou, durante o XI Congresso Brasileiro de Apicultura, realizado em 1996, em Teresina-PI:

Na busca de soluções, encontramos os resultados de maneira surpreendente. De um lado, uma região rica em plantas melíferas e inexploradas no contexto apícola. E do outro lado um desafio: iniciar os trabalhos com poucos recursos providenciando a transferência da atividade do Estado de São Paulo para o Estado do Piauí. Com a transferência da atividade apícola para o Piauí, acabamos encontrando o caminho para um desenvolvimento em potencial. A ação inovadora, consistindo substancialmente na exploração da atividade apícola em uma região promissora de um Estado aberto a esse novo empreendimento, resultou no desenvolvimento de uma atividade de cunho abrangente que despertou o interesse de diversos segmentos que passaram a conhecer e a valorizar a apicultura.

O mel é um dos principais produtos da pauta de exportação do estado, embora não sendo o principal produto de exportações, posição ocupada pelos grãos de soja, a atividade apícola vem se consolidando como nova fonte de renda para muitos municípios e comunidades da região semiárida do Estado do Piauí.

Um diferencial do mel produzido através da COMAPI é o selo do SIF – Serviço de Inspeção Federal presente na qualidade do mel. Mel é um produto de origem animal, logo deverá ter SIM, SIE ou SIF. Os três segmentos da inspeção sanitária são - Serviço de Inspeção

²³ Sertanejos que extraíam o mel das abelhas de forma predatória, pois, nesta técnica rudimentar de extração, faz-se necessário destruir todo o enxame para se apurar o que se chama no meio apícola de “mel espremido”, ou mel retirado espremendo-se os favos, sem o uso de equipamentos adequados que garantissem a devida higiene e pureza do produto.

Municipal (SIM), que autoriza as atividades realizadas dentro do município; - Serviço de Inspeção Estadual (SIE), referente à comercialização na esfera estadual sob a fiscalização da Secretaria Estadual de Agricultura; e - Serviço de Inspeção Federal (SIF), responsável pela comercialização do mel dentro e fora do país, emitido pelo Ministério de Agricultura (IICA, 2010).

É importante refletir sobre o desenvolvimento territorial da região, pois através das cooperativas, dos agentes públicos e dos agentes privados se desenvolve uma representação democrática. Embora hajam conflitos, onde o interesse por uma participação mais efetiva de governança da atividade, compreende-se que as alianças entre os envolvidos suplantam os conflitos (FAÇANHA, 2010).

4.4 Instituições de apoio e de suporte à COMAPI

Ações de instituições públicas e privadas são de suma importância para o desenvolvimento de um aglomerado produtivo. Percebemos pelos dados apresentados na pesquisa de campo que as instituições de apoio vêm desempenhando papel importante na promoção dos processos inovativos.

As formas de apoio institucional vão desde capacitação e assessoramento técnico, à obtenção de linhas de crédito para compra de insumos e construção de casa do mel. A cooperativa COMAPI utiliza empréstimo bancário para a obtenção de capital de giro, destacando que também possui dificuldades na aquisição desse crédito em decorrência de restrições cadastrais, exigências de garantias pelos bancos e a demora na liberação dos recursos.

A COMAPI, além de desempenhar a função do beneficiamento do mel dos seus associados, oferece suporte técnico. Seus desempenhos resumem-se a ações simples, como cursos técnicos. É preciso formar parcerias com as outras instituições, com o objetivo de planejar ações conjuntas que ofereçam uma rede de serviços maior aos apicultores. Portanto, a COMAPI conta com a contribuição de instituições, fato que auxilia com certa eficiência suas funções. Apesar disso é sempre importante inovar com novas parcerias.

Abaixo serão destacadas algumas instituições que apoiam a atividade apícola no semiárido piauiense:

SEBRAE

O Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa (SEBRAE) iniciou em 1972, vinculado ao Governo Federal, já em 1990 a entidade passou a ser um serviço social autônomo e com uma nova denominação – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. No Piauí os representantes da entidade são da iniciativa privada e do setor público, atuando em territórios considerados frágeis na economia devido ao pouco desenvolvimento empresarial e produtivo. Em 1980, o SEBRAE iniciou a atuação na apicultura com a constituição da CAMPIL, primeira entidade organizada pelos apicultores piauienses, com o trabalho de conscientização, sensibilização e constituição da cooperativa através de cursos tecnológicos/gerenciais, visitas técnicas, palestras e os seminários anuais. (SIQUEIRA, 2010, p. 100).

A contribuição do SEBRAE é fundamental para o aumento da produtividade e qualidade do mel e fortalecimento do empreendedorismo. Com essas observações é possível perceber que existe também um reconhecimento por parte dos membros da cooperativa com relação à entidade SEBRAE, isto foi percebido inclusive durante entrevistas que indica que a contribuição do SEBRAE é fundamental.

BANCO DO NORDESTE

O Banco do Nordeste (BNB), fundado em 1952, visa o desenvolvimento da região Nordeste, é um banco que atua na captação, gestão e aplicação de recursos promovendo o desenvolvimento. No Piauí, o BNB possui dezesseis agências distribuídas pelo Estado, a agência de Simplício Mendes atende a microrregião do município, representado por vinte e oito cidades. A partir de 1995, o BNB disponibilizou as linhas de financiamento tornando-se uma instituição de fundamental importância para a expansão da apicultura no Piauí, é a instituição de apoio responsável pela aquisição de equipamentos necessários à produção e à extração de mel, como: colmeias, enxames, equipamentos de proteção e para extração, beneficiamento e envasamento de mel e de outros produtos apícolas. São muitos os benefícios que o banco considera que contribuiu para viabilizar a economia do semiárido; promover a inclusão de pequenos produtores nas linhas de crédito; melhorar a qualidade de vida das famílias rurais, abrir postos de trabalho, incrementar a renda familiar; e elevar a autoestima dos agentes produtivos. (SIQUEIRA, 2010, p. 100).

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Fundado em 1808 no Rio de Janeiro, possui importante presença nos agronegócios do país. De 2005 a junho de 2009, o Banco do Brasil investiu cerca de R\$ 3,5 milhões na cadeia produtiva do mel, no Piauí. O apoio ao Banco do Brasil é destinado a diversificados itens da cadeia, que vão desde a aquisição de equipamentos à construção de unidades de beneficiamento. A COMAPI reconhece o papel do Banco do Brasil responsabilizando o Banco pelo atual modelo produtivo que liga pequenos produtores a cooperativa possibilitando conquistas e desenvolvimento do modelo apícola através de financiamento dos instrumentos da cadeia produtiva adotado na microregião (SIQUEIRA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao evidenciar o homem como “chefe de família” já o enquandramos como senhor de uma autoridade assimétrica. Como vimos, a literatura do campesinato no Brasil descreve e analisa a dinâmica entre a posição da mulher e de jovens na família camponesa, em relação a esse chefe-de-família e como os trabalhos se organizam. A Comunidade Moreira, em específico, atravessa transformações econômicas que estimularam a compra de bens e a valorização de um novo modelo de trabalho, pluriativo. Para atender um novo modelo de produção que surgiram em décadas recentes, os padrões tradicionais da agricultura familiar estão mudando. É um momento de fortalecimento da comunidade que integra o pequeno produtor rural à outras atividades como é o caso da apicultura. Esse novo modelo conta com o apoio das instituições já citadas, como por exemplo, o SEBRAE.

A partir do momento que algumas mulheres começam a galgar maior participação e a terem funções diretivas na atividade apícola, supõe-se que sua condição de mulher venha à tona, diante de uma estrutura tradicionalmente constituída somente por homens. A participação mais efetiva nas relações de cooperativados, por si só, já promove novos campos de relações ainda não conhecidos nos universos masculinos e femininos de camponeses e lavradores do semiárido piauiense, depois da instalação da COMAPI. Com a participação de mulheres em um universo, até então tido como tipicamente masculino, supõe-se que também tenham se intensificado as tensões relacionais entre gêneros, e que as mulheres tenham percebido a condição de marginalização que a elas era atribuída na distribuição das atividades ditas como mais pesadas e ou “de homens” ou a dominação específica sofrida no âmbito doméstico. Mas como lembrado no início deste trabalho, as mulheres de Moreira pela análise e pesquisa de campo, não estão interessadas em confrontar ou dar respostas ao gênero masculino, mas sim em exercer o seu papel de mulher enquanto conduzem suas responsabilidades nos mais variados âmbitos da vida social, enquanto membro de uma família e nela investem toda a renda auferida pelo trabalho de apicultora.

Percebe-se que, embora tenha havido mudanças na distribuição e valorização das tarefas tidas como tipicamente femininas, o papel de chefe-de-família e sua autoridade sobre o grupo familiar ainda não é frontalmente desafiado e a carga de responsabilidade com o cuidado da família ainda não apresenta equidade entre homens e mulheres. A atividade apícola leva as mulheres a participarem de reuniões, viajarem para Simplício Mendes, aprenderem técnicas administrativas do associativismo, ultrapassando barreiras, mesmo que

isso vem acontecendo de uma forma branda, sem fortes impactos na relação homem-mulher, marido-esposa. Contudo, o conceito de gênero vem sendo redefinido, pois foi desenvolvido por estudiosos das universidades, mas os movimentos sociais se apropriam desse conceito como forma de combater essas desigualdades de gênero existentes no âmbito do trabalho e por muitas vezes até no ambiente doméstico.

Considero ainda, que o empoderamento das mulheres de Moreira se dá a cada dia e a cada decisão vinculada ao seu trabalho, independente de ser com apicultura ou não, porque homens e mulheres estão cotidianamente sendo testados pelo mercado de trabalho e pelas oportunidades de conseguir uma renda extra. As mulheres que se inserem no grupo de apicultoras ultrapassam as questões relacionadas ao trabalho e nos fornecem uma compreensão de que suas vidas pessoais também são testadas e colocadas “em jogo”, pois o seu relacionamento familiar (marido, filhos, mãe, pai, parentes) também é importante assim como a visão que a sociedade terá delas de maneira geral.

Diante destas considerações é possível concluir que:

- A apicultura é uma atividade que complementa a renda das famílias de Moreira e em grande parte delas é responsável por uma mudança socioeconômica no sentido de aquisição de bens (eletrodomésticos, meios de transporte, cercas, vestuários et al).
- Para a maior parte das famílias de Moreira, a apicultura é considerada atividade complementar, mas que possibilita as mudanças citadas no item acima, é possível comprar uma moto, ajudar na mobília de um filho (a) que casa, investir nos cercados e até mesmo comprar novos animais.
- O manejo para produção de mel realizado pelos apicultores de Moreira, seguindo as técnicas apícolas, reflete a participação das apicultoras em, pelo menos, um treinamento e/ou capacitação apícola.
- Acredita-se que há um desafio ao pensar a inserção da mulher em atividades remuneradas como um meio de inserção social e de igualdade entre os gêneros. Busca-se explicação para os significados das diferentes formas como se dão, na prática e nos valores, as relações de desigualdade entre os gêneros para se entender os significados do trabalho feminino no campo e as possibilidades desse trabalho de fato contribuir para a equidade das relações de gênero e para o combate à pobreza. Só então poderemos construir uma agenda com vista para mudanças sociais que levem em consideração as várias formas de subordinação da mulher na sociedade e responder se o acesso ao trabalho não doméstico sendo ele apícola ou não, consiste o interesse básico, a “ponta de lança”, para estruturar mudanças na posição da mulher na sociedade rural.

FIGURA 9- entrevista com o padre Gereon na comunidade São Franscisco de Assis



Fonte: KÓSS, C. 2013.

FIGURA 10- um dos três caminhões da COMAPI recolhendo mel.



Fonte: MATON, C. 2014.

Relatório I

Viagem período de 13/06/2013 a 20/06/2013

Picos 13/06/2013

Simplício Mendes 14/06/2013

Comunidade Moreira 16/06/2013

Comunidade Gatinho 19/06/2013

Wenzel

Saímos de Teresina aos 13 dias de Junho rumo aos principais locais de produção de mel do Estado do Piauí. A busca é objetiva na tentativa de conhecer as práticas apícolas mas ao mesmo tempo estamos indo ao desconhecido onde a subjetividade pode se fazer presente.

Comapi

Chegamos em Simplício Mendes, na COMAPI (Cooperativa Mista dos Apicultores da Microrregião de Simplício Mendes-PI) logo contamos com a presença do professor Darcet (UFPI), agrônomo e estudioso de apicultura. Com isso houve a oportunidade de conhecer melhor o acesso que a cooperativa tem com as 36 comunidades cooperadas. Estava também presente o gerente responsável pela cooperativa Paulo José que possui além dos contatos, o controle da comercialização do mel. A cooperativa funciona de segunda a sábado, mas este ano assim como em 2012 teve uma decaída devido a seca. O diálogo foi produtivo porque desta forma foi possível alcançar a informação de qual comunidade se destacava com uma quantidade maior de mulheres trabalhando com apicultura, com isso, chegamos a conclusão de que a comunidade Moreira seria uma boa opção, onde a própria presidente da associação de pequenos agricultores da comunidade é uma mulher.

16/06/13

Amanhecemos na casa de Dona Adélia, presidente da associação e apicultora, ela possui dois apiários, um numa localidade Passo Fundo e outro mais próximo a sua casa na comunidade Moreira. Nos direcionamos para o de Passo Fundo, distante uns 4 Km de sua

residência, fomos de moto, chegando lá vimos 10 caixas de abelha e um teto de palha de coco que proporciona sombreamento.

As caixas foram adquiridas através da Comapi, pelo projeto, custando 120 reais cada, o macacão custou 100 reais e o fumegador também. É interessante que antes de conseguir comprar o macacão, D. Adélia fez o próprio macacão este sendo de um tecido mais fino e sujeito a picadas de abelha.

À tarde, depois do almoço na casa da família de D. Adélia, fomos para o local mais central da comunidade Moreira, onde encontramos outras apicultoras, algumas conversando logo após a reza na Igreja, “podia-se ouvir os cantos”. Conhecemos ainda nessa tarde a Associação de Pequenos Produtores onde D. Adélia atua há quase dois anos e que segundo ela, não continuará. Pode-se perceber ainda, que as apicultoras de Moreira já se conheciam e a atividade veio para uni-las ainda mais.

17/06/13

O dia iniciou e nos direcionamos (eu, Kelly e D. Adélia) a outro apiário. Desta vez o mais próximo da casa de D. Adélia. Foi uma visita diferente porque além de entrar no apiário, levamos macacões, luvas, botas e fumegador para pudéssemos levantar a tampa das caixas e observar o mel que estava sendo produzido nas melgueiras.

Vestimo-nos de apicultoras eu, Kelly (bióloga) e D. Adélia apicultora de verdade. Foi levantada a primeira tampa e a apicultora fumegou para produzir fumaça. O mesmo processo fora repetido e tive a noção de que a atividade era mesmo “diferente” e as mulheres trouxeram/aceitaram a atividade em suas vidas também como forma de se sentirem capazes de aprenderem e darem resultados. Retornamos para a casa de D. Adélia. Este apiário fica a 1 Km em média. Fomos e voltamos a pé.

À tarde fizemos 3 visitas, à 3 casas de 3 apicultoras. Casa de D. Madalena, apicultora do grupo de mulheres, em seguida, fomos a casa de D. Rosena, mas antes destas duas visitas estivemos na casa de D. Valdelene. Algumas conversas – algumas mulheres

Olinda Batista Dantas, apicultora, casada, 6 filhos e 55 anos.

Inseriu-se no Grupo de mulheres para adquirir caixas de abelhas através da Comapi em 2007. Naquele tempo para quem já trabalhava com mel recebiam da cooperativa 10 caixas e os que estavam iniciando recebiam 5 caixas.

Cobertura de palha de coco?

Através de D. Olinda as mulheres implementaram uma forma de melhorar a situação das colmeias que estavam esquentando muito e dessa forma prejudicando as abelhas porque a colmeia esquentava muito sob o sol forte. Então as próprias mulheres construíram essas estruturas²⁴ de palha de coco sobre as colmeias para diminuir a perda de enxame.

D. Olinda se considera apicultora, o marido não se envolve, além da renda, é um trabalho que “sai de casa”, já é aposentada, se distraí porque tem os problemas que “bebem”. Afirmo que é uma distração, pode ajudar os filhos comprar coisas para casa (sofá, cama, eletrodomésticos), visto que antes o marido perguntava porque ela queria dinheiro. Olinda relembra que está com três anos que elas fizeram um trabalho grande, foi extraído mel de 95 melgueiras.

Maria Madalena Firmina dos Santos, apicultora, casada, 2 filhos e 46 anos.

Iniciou com o marido em 1999. Como cooperada iniciou com o grupo de mulheres em 2007. Passou a ter a necessidade de ter o próprio dinheiro porque o dinheiro do marido não servia a todos. Se inseriu nas reuniões, conheceu mais pessoas, segundo ela, tem paixão pelo trabalho de apicultura. Nesse ano da seca se envolveu menos na atividade. Dona Madalena está no grupo de 7 famílias, cada família tem um apiário, ou seja, D. Madalena não tem um apiário, mas trabalha com famílias que possuem.

O trabalho realizado na casa de mel geralmente é à noite porque de dia elas atacam. As mulheres são apicultoras, vão ao apiário, mas o serviço maior para elas é na Casa de Mel.

Com a renda comprou ovelha, estante, fogão, ajudou a filha a comprar moto, enfim, decide o que fazer com o dinheiro que recebe como apicultora. Afirmo que durante as colheitas de mel se organizam mais porque conversam. O mel faz parte da renda, se apegam a outras atividades porque tem medo de não ter inverno.

Reforça que o trabalho é simples e bom. “Vamos trabalhar cheias de problemas, desafogamos as mágoas, rimos, vocês não tem nem ideia”. Diz que é distante trabalhar lá no apiário, vão a pé, de lanterna. “Nós trabalhamos de noite, de macacão, os trabalhadores passam e cumprimentam achando que a gente é homem”. Descobriram uma atividade.

Claudinéia Maria da Silva, apicultora, casada, 2 filhos, 27 anos.

²⁴ São coberturas que protegem as melgueiras de forma que estas não captem muito sol e as abelhas não se dizimem.

Iniciou na apicultura no ano de 1998, conheceu a atividade através dos que já trabalhavam por perto. Se tornou cooperada em 2007, a associação já auxiliava na atividade e a cooperativa passou a auxiliar junto ao Pe. Geraldo.

Claudinéia viajará para São Paulo porque a renda da apicultura já não está boa há dois anos.

Considera a apicultura a melhor atividade, quando se tornou cooperada passou a ter mais direitos e mais deveres, participou da cooperativa no conselho fiscal e na secretaria ainda quando era Aapi (Associação dos Apicultores da microrregião de Simplício Mendes).

A apicultura trouxe melhorias por causa da renda, entrou no grupo de mulheres e através da cooperativa fizeram financiamento pelo Banco do Brasil e conseguiram 40 caixas mas através da cooperativa como antes falado, foram 5 caixas.

Antes quando estava no início das mulheres na atividade, elas faziam todas as atividades, mas hoje, as mulheres vão mais para a Casa do Mel. Claudinéia possui 3 apiários e 155 caixas junto ao marido. Afirma que o que precisa melhorar é apenas a questão da chuva que prejudica. Foi apoiada por outros apicultores mas alguns disseram que o serviço era “de homem”. A família inteira está indo para São Paulo, não para morar, mas enquanto a seca diminui e a renda do mel melhora. Claudinéia diz que gosta da atividade, é fácil, mas nem gosta muito de mel, disse ainda, que quando vai trabalhar as “coisas ruins” ficam para trás e que é melhor do que serviço de casa.

Valdelene Teles da Silva, apicultora, casada, 2 filhos ,47 anos.

Iniciou em 2001, resolveu trabalhar com apicultura porque “é bom de trabalhar, tem renda boa”. Com a atividade melhorou-se a vida, com o dinheiro compram galinha, porco, produtos para casa, enfim, ajudando em casa. Antes não podia ter autonomia de compra, mais independência. A família (casal) tem 41 caixas, visto que, 10 foram compradas por D. Valdelene e 11 estão povoadas.

Se considera apicultora e gosta de abelhas, afirma que não se pode ir todo dia no apiário porque se “mexer” muito elas vão embora. Na Casa do Mel os homens tiram o mel das caixas e as mulheres se preparam para desgalfinhar. Valdelne possui apiário num local chamado “Olho D’água” chamado numero 2 e outro chamado do número 3. A renda existe através do Bolsa Família, Bolsa Safra e apicultura. O que é notável também é que as famílias tem suas criações e não passam necessidade quanto a alimentação, sendo a renda convertida

na compra de mais animais e de objetos para a casa que ajudam o funcionamento da vida doméstica.

Rosena Mauriz de Sousa Moura, casada, 3 filhos, 46 anos.

Associou-se na cooperativa em 2007 mas envolvida na atividade desde 2004. Possui 110 caixas, trabalha em 2 apiários, 76 caixas estão povoadas e o aprendizado foi com outros apicultores.

Não se considera apicultora porque sempre trabalhou na roça. As condições eram ruins e a necessidade de uma nova renda se apresentou, com essa renda melhorou para cuidar mais da roça, fez cercado e comprou transporte. A renda pertence a família mesmo que a associada seja ela. Mesmo que a mulher vá mais para a Casa do Mel isso não impede dela ir para o apiário e o homem para a Casa de Mel. Antes da apicultura não tinha tudo, agora com o mel, melhorou. D. Rosena resolveu ser cooperada para ser inserida no projeto da cooperativa e para receber um valor mais justo porque antes o mel era vendido por valores muito baixos e também antes a casa ficava cheia de abelha, de “bagunça”, agora sendo cooperada é mais organizado porque tem a Casa do Mel.

18/06/13

Adélia Mauriz de Sousa Moura Silva, apicultora, casada, 3 filhos, 39 anos.

Iniciou com a atividade em 2005, antes os irmãos já eram apicultores, os anos foram passando e passou a conviver com a atividade. Disse que a apicultura é “uma sensação, uma distração”. A renda da família está ligada a apicultura, ao Bolsa Família e ao Bolsa Safra (benefício que se recebe quando não se está colhendo). D. Adélia é presidente da Associação de Pequenos Agricultores da comunidade Moreira que é uma das 36 comunidades cooperadas da COMAPI. Para conseguir o projeto pelo Banco tinha que ser associada a Associação de Pequenos Produtores Rurais. Tornou-se cooperada em 2009, se considera apicultora e conhece o manejo do serviço.

Segundo ela, a atividade mudou sua vida por causa da renda, passou a conviver com mais pessoas de locais diferentes e entrando num novo grupo. As diferenças de gênero nas atividades é que os homens vão mais para o apiário e as mulheres mais para a Casa do Mel.

Percebe-se que as mulheres apicultoras são ativas na atividade, no início na comunidade era 5 mulheres e cada uma ganharam 5 caixas. Hoje D. Adélia tem 70 caixas, dessas 35 povoadas.

19/06/13

Comunidade Gatinho

Presidente da Associação – Sr. Crispim

Pior seca que já passou foi a de 70, seu pai conheceu a seca de 32, tendo ouvido falar da seca de 15 com notícias de mais mortes por fome.

Alguns têm vergonha de dizer que estão passando fome. As crianças vão enfraquecendo podendo levar a morte. S retiraram de Paulistana em 82 para esta comunidade porque a terra era pouca e os filhos eram muitos (10). Percebe que hoje as pessoas vão mais para São Paulo tendo como motivo principal o desemprego. Os lugares que mais vão é para Petrolina, Juazeiro e SP. Cada casa da comunidade Gatinho tem cisterna tendo sido trazidas pelo Pe. Geraldo.

A pergunta é: “quando tá em época de seca, a impressão que dá é que os “coelhos” vão embora com mais facilidade, o que vocês acham?” obs: Coelhos são pessoas de pele e olho claros que se ouve falar que são preconceituosos.

R – Nós somos mais resistentes, mas não podemos dizer que somos mais do que eles né”.

Os Coelhos de Paulistana eram ricos, fazendeiros, nem todos coelhos eram ricos e em Paulistana tinham caboclos.

Entrevista com D. Domingas, Joselene e Nazaré.

Domingas Rosália Pereira, 69 anos (mãe),

Joselene Domingas Pereira, 33 anos (filha),

Nazaré Domingas Pereira, 37 anos (filha).

As três mulheres possuem esposos que trabalham na atividade apícola. As três desenvolvem o trabalho na Casa do Mel. O incentivo foi do Pe Geraldo em 1997. Além de trabalharem nessa atividade, são donas de casa e fazem trabalho doméstico. Joselene trabalha na horta principalmente por causa da falta de mel. A horta foi incentivada também pelo Pe. Geraldo.

Nazaré trabalha como agente comunitária de saúde há 17 anos (concursada) e também na igreja na eucaristia. Domingas exerce o trabalho da roça, todos os dias mesmo que seja só para “dar uma olhada”, é aposentada. No geral, trabalham em casa, para a família, cuidando de filhos e netos. Quando os homens chegam do apiário chegam suados/sujos e as mulheres

já ficam na espera equipadas com vestimentas exigidas pela Comapi. Houve uma melhora na renda (exceto agora com a seca). Com isso dá pra fazer compras a prestação tranquilamente.

Por exemplo, em 2010 Nazaré colheu 23 baldes de mel à 150 reais, deu para fazer a feira 9 muita alimentação para o mês todo). Com essa renda comprou-se móvel , transporte (moto), geladeira e freezer.

“O tempo do mel pra gente é que nem o tempo dos produtores de café, tinha produtores e compradores, só não há a desunião desse tempo, porque aqui todos se ajudam”

Antes do projeto era difícil colher mel, porque não tinha caixa e precisava caçar na mata, nas árvores. Nazaré é cooperada ma Domingas e Joselene não são.

A motivação para Nazaré se tornar cooperada foi porque o agente da pastoral “Anchieta”, explicou que deveria ter qualidade. Anchieta chamou atenção para que ela se cooperasse porque com o tempo não iriam mais comprar mel dos atravessadores porque não é um mel de qualidade. Nazaré afirma que o mel de qualidade é o mel higienizado. A Casa de Mel precisa ser forrada para melhorar, hoje é mais perto da comunidade mas quando foi contruída era distante e tinham poucas casas. As três mulheres afirmam que a vida em Gatinho é “boa”, mas o que elas mais acham que precisa melhorar é a questão do estudo, visto que, a situação da água já foi resolvida há 1 ano.

O que tem chamado mais atenção dos moradores de Gatinho é o incentivo para a horta. Foram feitos canteiros no chão e já está sobrando plantações (coentro, alface, cebola branca, couve, pimentinha e pimentão). Passaram a vender para Campo Alegre, Conceição, Paulistana, Simplício Mendes, comunidade Moreira e principalmente S. F. de Assis.

Joselene afirma que levaram mais a sério a horta por conta da falta de mel. Hoje a horta é abastecida por água encanada.

Relatório II

Relatório

Viagem período de 22/04/2014 a 29/04/2014

Comunidade Moreira

Várias comunidades estão ligadas ao município de Simplício Mendes-PI, como já explicado, a comunidade Moreira possui forte participação de mulheres na apicultura. Casadas ou solteiras, jovens ou senhoras, contribuem e são ativas, trabalham na roça, cuidam da casa, dos filhos, do marido, participam de reuniões na Associação de Pequenos Produtores, são cooperadas, vão ao apiário, muitas delas possuem apiários, trabalham na casa do mel e repassam seus quilogramas de mel tanto para cooperativa quanto para atravessadores, a cooperativa compra certamente pelo valor de 110 reais o balde de 25 kg, os atravessadores também compram embora numa menor quantidade, mas compram num valor mais elevado.

O trabalho delas não para, a roça já exige muito tempo, muito suor, os maridos fazem cerca, elas plantam, agoam, colhem, fazem comida, fazem feira, limpam a casa, lavam a roupa, são responsáveis pela dinâmica familiar e em alguns casos até pela ordem e decisões finais propriamente ditas. Aqui não há miséria alimentar, a todo momento se tem o que comer, a roça é responsável, por boa parte da alimentação, todo dia tem feijão, arroz carne e salada. O feijão é colhido, os legumes, verduras e frutas também, assim como os ovos de galinha, tem bezerro, galinha, vaca, boi, a casa é simples, mas a alimentação não padece.

Aqui se faz o sabão, o doce de leite-coco, o suco de cajá, tudo se transforma, se reinventa. O mel faz parte de tudo isso, elas participam de “grupos”, quando o apiário de um dos integrantes está com mel para ser colhido, todos se reúnem para dar início ao trabalho, desde a ida ao apiário até o momento final que é colocar o mel nos baldes de 25 kg ou até em tambores de 275 kg cada. O trabalho com o mel é bem vindo na vida dessas mulheres e é um excelente auxílio nas despesas de casa. Tratam as abelhas como “as europa”, que são as abelhas que tem ferrão e sabem da existência e presença de outros tipos de abelha, como manduri (*Melipona Marginata*), jati (*Tetragonisca Angustula*), manso (não identificada), brabo (não identificada), maribondo (*Pompilidae*) e capuxu (*Vespa*), tiúba (*Melipona Fasciculata*). Percebe-se ainda, que muitos (as) não possuem o conhecimento específico das abelhas e as definem apenas como “as europa”, embora outros deles (as) percebem as diferenças apenas com o manuseio das melgueiras.

Na manhã do dia 24 de Abril fomos à casa do Mel e lá estava um grupo de apicultores cooperados entre homens e mulheres, o mel que estava sendo tratado era de responsabilidade do senhor Luciano que estava com sua esposa, sua filha e demais companheiros de grupo, todos auxiliando porque em outro momento o Sr. Luciano irá trabalhar no grupo de outro companheiro atentando-se ainda, que este trabalho é por período, dependendo da florada e da chuva. À noite, fomos na casa do Sr. José Mauriz, vizinho e irmão de D. Adélia, lá encontramos um movimento de pessoas, cerca de 12 pessoas reunidas para degalfinhar e colocar na centrífuga aquele mel que veio nas melgueiras do apiário de José, foram colhidos 6 baldes de 25kg. O movimento é tranquilo encarado como trabalho, mas também como momento de descontração (conversas, brincadeiras, lanche), crianças jogando dominó e baralho, ou seja, é uma dinâmica de grupo em que as tarefas são divididas, o produto final gerará uma renda que será dividida. Mais uma vez quando interrogados sobre a venda do mel, respondem que pode ser vendido tanto para os atravessadores quanto para a cooperativa, podendo demorar (meses) para receber o respectivo valor pela venda.

A casa de D. Adélia foi uma das últimas a ser instalada energia elétrica, em Novembro de 2013, é um avanço agora existe: geladeira, forrageira para triturar os galhos, liquidificador, televisão, ferro e luz nos cômodos. Essa casa encontra-se no local onde primeiro se denominou “Moreira”, hoje outras localidades também são denominadas Moreira²⁵, como a 6km em que há uma localidade mais elaborada, com posto de saúde, Associação dos Pequenos Produtores, Casa do Mel, igreja católica, igreja evangélica, mercadinhos, escola municipal, quadra de esporte, clube, Casa de Poupa de Fruta entre outras instalações.

Alguns encaram a atividade apícola com muito envolvimento, outros não, tornando-se coadjuvante, seguindo grupos e pessoas protagonistas na atividade. Encontra-se famílias inteiras participando, às vezes só o homem, outras vezes só a mulher. Terra, família, trabalho entrelaçam-se notavelmente, mulheres apicultoras mostrando-se mulheres de vigor.

Dia 25 de Abril de 2014 D. Adélia, por exemplo, fez o que faz todos os dias, acordou antes do sol nascer, fez café da manhã, despachou as crianças para a escola, buscou roupa na casa de sua mãe para lavar, continuou lavando as roupas que sobraram por lavar de ontem, fez almoço, lavou mais roupa, almoçou, as crianças chegaram, terminou de lavar as roupas, seguiu para a roça, colheu feijão, carreiras e mais carreiras de feijão, ajudei na atividade, inclusive a atividade exige forte disposição, pois a coluna deve estar encurvada, encheu-se 2

²⁵ Embora estejam denominadas com outros nomes, algumas localidades são consideradas por Moreira principalmente pelos moradores mais antigos, pois antes Moreira era mais extenso, com o passar dos anos a comunidade foi se definindo.

sacos de feijão (60 kg) cada. Quando chegamos D. Adélia com o ciscador limpou o quintal, juntando lixo suficiente para queimar, pois não há serviço de caminhão de lixo. Limpou a caixa d'água (500 litros), foi tomar seu banho para providenciar a janta. No final desta mesma tarde d. Adélia também aguou com o regador-mangueira o pé de melão, plantação de pepino, alface, coentro e cebola.

Durante esse início de noite o banho parecia um alívio de todo um trabalho exercido ao longo do dia, quando de repente os pintos começam a piar alto, já era noite e d. Adélia segue para ver o que acontecia, uma cobra, uma enorme cobra, o marido ajudou a capturar aquela cobra preta, mas logo avisou: “Tu mata”. E para completar as atividades de mulher plural d. Adélia matou a cobra. Jantamos, d. Adélia segue para assistir a novela, mas, antes puxa um balde para nele dibuiar acompanhada de seu marido, José, o feijão que colhera a tarde. A vida no campo é um trabalho “atrás do outro” mesmo com alguns recursos provenientes do governo como: bolsa família, garantia safra e cartão cidadão.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Rosário da F. F.; SOUSA, Maria G. da S. **Agronegócio do mel no estado do Piauí**. Teresina: Fundação CEPRO, 2001.

BARSTED, Leila L. Gênero e legislação rural no Brasil: a situação legal das mulheres face à reforma agrária. In: **Integração da Perspectiva de Gênero no Setor da Reforma Agrária**, 2002.

BAUMEL, Adriana; BASSO, Luiz C. Agricultura familiar e a sustentabilidade da pequena propriedade rural. In: CAMARGO, Gisele; CAMARGO FILHO, Maurício; FÁVARO, Jorge L. (Org.). **Experiências em desenvolvimento sustentável e agricultura familiar**. Guarapuava – Paraná: Ed. Unicentro, 2004.

BITTENCOURT, Luciana. Algumas considerações sobre o uso da imagem na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Belas; LEITE, Mirian Moreira (Org.) **Desafios da imagem: Fontografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

_____. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.

_____. **Razões Práticas: sobre a Teoria da Ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BRUMER, Anita. **Estudos Feministas**. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. Florianópolis, 2004.

BRASIL. **Decreto n. 5.209. Regulamenta a Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004**, que cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. 17 set. 2004b.

BRASÍLIA. MDA, INCRA das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – FAO (Projeto de Cooperação Técnica – TCP- BR 8922), 2002. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br-htm-gênero>>. Acesso em: dez. 2014.

BUARQUE, Cristovam. Ignacy Sachs: o professor humanista para o século XXI. In: SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BUTTO, Andréa. **Mulheres, economia e cidadania no Brasil: a experiência recente das políticas de igualdade**. Pernambuco, 2013.

CARLOTO, Cássia M. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. São Paulo, 1992.

CARNEIRO, Maria. J. Ruralidade: Novas identidades em construção. **Estudos, sociedade e agricultura**, v. 11, n. 1. Rio de Janeiro, 1998.

_____. Esposa de agricultor na França. **Revista Estudos Feministas**, v. 4, n. 2. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1996.

_____. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2, junho, 1994.

_____. **Terra da pobreza**: um estudo antropológico de uma comunidade rural piauiense. Dissertação. 190f. (Museu Nacional-Universidade Federal do Rio Janeiro-UFRJ). Rio de Janeiro, 1976

_____. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2, junho 1994, p. 11-22.

_____. **Camponeses agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998. 228 p.

_____. Mulher rural no discurso dos mediadores. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 5, 1995.

CARNEIRO, Maria. J.; LEVINAS, Lena. Espaço adquirido—espaço permitido no contexto da Reforma Agrária. **Relatório do 12º Encontro Temático – AIPSA**. Campinas, 1987.

CHAYANOV, Alexander. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, José G; STOLCKE, Verena. **A Questão Agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 133-163

DOSSIÊ MULHERES E MEIO AMBIENTE. **Rev. Estud. Fem.** v.18, n.3 Florianópolis Sept./Dec. 2010.

ESCOBAR, Arturo. **“Encountering Development, the making and unmaking of the Third World”**, Princeton University Press, New Jersey, USA, 1995.

FAÇANHA, Antônio C. Apicultura no Piauí e o Desenvolvimento Territorial. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16, 2010. **Anais...**, Porto Alegre, 2010.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. Gênero e Desigualdade. **Cadernos Feministas**. São Paulo: SOF, 1997.

FAVERO, LUIS A.; ALVESIICA, ROBERTO S. Instituto Intramericano de cooperação para a Agricultura. **Desenvolvimento Regional Sustentável Série cadernos de propostas para atuação em cadeias produtivas**, Brasília, 2010.

FERNANDES, Bernardo M. **Delimitação conceitual de campesinato**, 2004. Disponível em: <www.mst.org.br/biblioteca>. Acesso em: mar. 2015.

FERNANDES, Tadeu. **A importância das abelhas na vida do planeta**. 2009. Disponível em: <<http://www.rondoniagora.com/noticias/aimportancia-das-abelhas-na-vida-do-planeta-%E2%80%93-por-tadeu-fernandes.htm>>. Acesso em: 11 out. 2015.

FILHO, Amílcar T. **Uma questão de gênero-onde o masculino e o feminino se cruzam.** Campinas-SP, Abril, 2003.

FIUZA, Ana L. de C. Mulher é igual natureza? As políticas de desenvolvimento sustentável de uma perspectiva de gênero. In: WOORTMANN, Ellen F. et al (Org). **Margarida Alves: Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero.** Brasília. NEAD: 2006.

FRANCO, Maria L. P. B. **Uma análise de conteúdo.** Série Pesquisa. Brasília. Editora Livro Livro, 2005.

GAYLE, Rubin, **O Tráfico de mulheres:** notas sobre a “economia política do sexo” Tradução: Christiane Dabat; Edileusa Rocha; Sonia Corrêa. Edição S.O.S. Corpo. Recife,1993.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Vozes: Rio de Janeiro, 1997.

GOLDENBERG, Mirian. Entrevistas e questionários. In: **A arte de pesquisar.** Ed.Record: 2003.

GROSSI, Mirian. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão.** Florianópolis, 1998.

GUANZIROLI, C. et al. **Agricultura familiar e reforma agrária no séc-XXI.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Revista Nera. Ano 9. Nº8.** Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. Presidente Prudente, Jun. 2006.

IICA - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Seminário Internacional: **"Gênero no desenvolvimento sustentável dos territórios rurais"**. Documento Síntese. Natal, RN, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico-População.** 2010. Disponível em:< <http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 12 set. 2013.

JALIL, Laetícia. BORDALO, Caroline A. Reconfiguração das lutas das mulheres no meio rural brasileiro: ação política, articulação e democratização. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 27, 2009, **Anais...** Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

JALIL, Laetícia. **O ser Mulher Camponesa:** práticas e ações na luta pela democratização do meio rural brasileiro. Rio de Janeiro, 2010.

KOFES, S. **Mulher, mulheres:** identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

_____.Mulheres e soberania alimentar: um caminho para a democratização do meio rural brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14, 2009. **Anais...**, Rio de Janeiro, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A família, origem e evolução**. Porto Alegre: Villa Martha Ltda, 1980.

LISBOA, Teresa K; LUSA, Mailiz G. **Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero - Brasil, México e Cuba**: mulheres protagonistas no meio rural, 2010.

MARANHÃO, Suzana. Os Percursos do Empowerwnt. **Revista Brasil Revolucionário**. Ano 5, n. 17, Novembro, 1994.

MARQUES, Marta I. M. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. São Paulo, 2008.

MARQUES, P E. M. Reflexões sobre os impactos das intervenções da linhainfraestrutura do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 6, 2002, **Anais...** Porto Alegre, 2002, p.1911-1921. CD-ROM.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e razão das trocas na sociedade arcaica. In: **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo: Edusp, 1988.

MOREIRA, A. S. **Apicultura**. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, 1996. 67 p. (Documento Técnico, 202).

MOURA, Margarida. **Os herdeiros da terra**. São Paulo: Hucite, 1978.

NAREZI, Gabriela. **A agroecologia como estratégia de gestão de Unidades de Conservação de Uso Sustentável no Vale do Ribeira**. 2012. Tese (Doutorado em Ecologia de Agroecossistema)- Universidade de São Paulo, SP, Brasil, 2012.

MAX-NEEF, Manfred. "**Empoderamento' de comunidade e desenvolvimento alternativo**". Pedagogia Social Artigos. Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica do Brasil, Boletim n. 17, abr. 2003.

NEVES, Magda A. **Trabalho e cidadania**: as trabalhadoras de Contagem. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, Verena Sevá. O agroturismo como forma de inserção da mulher rural no mercado de trabalho: um estudo de caso sobre o município de Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 14, 2004, **Anais...** Caxambu MG-Brasil, Setembro 2004.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

SHIVA, Vandana. "O empobrecimento do ambiente: as mulheres e as crianças para o fim". In: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SOUSA NETO, Tiago Ferreira. **A apicultura no processo de formação cultural e desenvolvimento local**. Teresina, 2012.

OLIVEIRA, Hersilia M. C. de; ALMEIDA, Mariomar. Relações de gênero e poder no assentamento rural Arariba da Pedra – Cabo de Santo Agostinho – Pernambuco. In: SCOTT, Parry; CARNEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PAULILO, Maria I. S. O peso do trabalho leve. In: GRASSI, Estela (Comp.). **La antropologia social y los estudios de la mujer**. Buenos Aires: Humanitas, 1986.

PORTELLA, Ana P.; SILVA, Carmem; FERREIRA, Simone. **Mulher e trabalho na agricultura familiar**. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 2004.

RICHARDSON, Roberto J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

ROWBOTHAM, Sheila. Cf. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, **Documento de Participação do Brasil na 29ª Sessão do Comitê para a Eliminação da Discriminação contra a Mulher - CEDAW**, 2003.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, Cecília M. S. **Democracia participativa e gênero-notas para uma agenda de pesquisa feminista**, 2007.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Outubro de 2009.

SCOTT, Russel P.; CORDEIRO, Rosineide (Org.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

SEGALEN, Martine. **Mari et femme dans la société paysanne**. Paris, Flammarion, 1980.

SETTON, Maria da G. J. S. A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, maio/jun/jul/ago, 2002.

SILVA, Jorge K. T. **Direitos socioambientais das populações tradicionais e gestão territorial**, 2008.

SIQUEIRA, Samara S. **A Importância dos arranjos produtivos locais para o desenvolvimento local: o caso da aglomeração produtiva apícola no município de Picos – PI**. 127f, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro – SP, 2010.

SOUSA, Bruno de A. **Criação de abelhas: importância e desafios**. EMBRAPA, 2010.

TEIXEIRA, Zuleide A. (coord). **Perspectiva de Gênero na Produção Rural** (Estudos de Política Agrícola no. 22. Documentos de Trabalho). Brasília: IPEA/Rio, jun/1994. 85pp.

TOURRAINE, Alain. **Podemos viver juntos?** Iguais e Diferentes. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

VARANDA, Ana P. **Cidadania e Políticas Públicas**. Apoio: Fundação Banco do Brasil Rede Mobilizadores. São Paulo, Novembro 2013.

VILELA, Sérgio Luiz de Oliveira. **A importância das novas atividades agrícolas ante a globalização: a apicultura no Estado do Piauí**. Teresina: EMBRAPA, 2000.

WADDINGTON, May. **As disputas pela atividade apícola no sertão do Piauí**. 2011.

_____. **Capturando o nó da rede**: as disputas pela atividade apícola no sertão do Piauí, Córdoba- Argentina. 2013.

WANDERLEY, Maria de N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. Caxambu, 1996. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20, **Anais...** (GT 17- Processos Sociais Agrários).

_____. “Morar e trabalhar”: o ideal camponês dos assentamentos de Pitanga (estudo de caso no Nordeste). In: MARTINS, J. de S. **Travessias**: estudo de caso sobre a vivência de reforma agrária nos assentamentos. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.203-246.

WCED **Our common Future**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

WEBER, Florence. Entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.32, p.157-170, jul/dez.2000.

WOLF, Eric. Os moinhos da desigualdade: uma abordagem marxiana. In: FELDMAN-SEN, Gita. **Empowerment as an approach to poverty Working Paper**. Dec. 1997 (background paper to the Human Development Report 1997). Mimeografado.

ZANLUCA, Júlio C. **Manual das Cooperativas**. Porta Tributária. Editora, 2012.

Sites:

<https://www.flickr.com/photos/codevasf/sets/72157632917357144/>

<http://www.piaui2008.pi.gov.br/materia.php?id=11707>

<http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/cooperativas.htm>

APÊNDICES

Pesquisa: A inserção da mulher camponesa na atividade apícola da Comunidade Moreira - PI

Questionário

Perguntas às apicultoras:

- 1) Nome completo – data de nascimento.
- 2) Estado civil – quantidade de filhos.
- 3) Mora naquele lugar há quanto tempo
- 4) Quando e porquê começou a trabalhar com apicultura – motivação.
- 5) Como funciona a atividade, a divisão de tarefas entre homens e mulheres
- 6) Além da renda, em casa mudou algo a mais? Se considera mais autônoma?
- 7) Quais são suas outras atividades?
- 8) Como é a relação com a cooperativa?
- 9) Os atravessadores também são uma boa opção?
- 10) Como imagina que seria a vida e as oportunidades de renda no campo sem a atividade do mel?

Perguntas à Comapi (cooperativa mista da microrregião de Simpício Mendes).

- 1) Há quanto tempo existe a cooperativa ?Quantos cooperados?
- 2) Atendem quais comunidades – municípios?
- 3) Qual o suporte que a Comapi dá aos cooperados quanto a vestimentas e instrumentos?
- 4) Qual o valor do balde de 25 L em 2014 e dos anos anteriores
- 5) Clientes fixos? Exportaram para onde, qual quantidade?
- 6) Quem são os incentivadores da cooperativa?
- 7) Qual processo que o mel passa ao chegar na cooperativa? Fica armazenado por muito tempo, sem comprador?

Perguntas sobre ambiente direcionadas às camponesas e camponeses.

- 1) Quais são os tipos de abelhas que existem aqui?
- 2) Quais as diferenças entre elas?
- 3) Como a função é alimentação, quais as diferenças entre os mels coletados?
- 4) Qual a abelha mais recorrente?
- 5) Quais os cuidados com a criação de abelha?
- 6) Considera a abelha um animal que trás benefícios?

ANEXOS

ANEXO A

Relato cedido por José de Anchieta Moura (incentivador da atividade apícola)

“Para que o trabalho apícola chegasse até a comunidade Moreira, primeiramente foi coordenado pela Fraternidade São Francisco de Assis coordenado pelo padre Henrique Geraldo Martinho Gereon, através da diocese de Oeiras - Floriano, naquela época em 1988, tinha como bispo Dom Edilberto de Quinborgue, bispo esse que desenvolveu várias atividades voltadas para a melhoria de vida dos pequenos produtores, o primeiro projeto social criado pelo bispo Dom Edilberto foi o projeto ANDA – Associação Nacional de Desenvolvimento Agrícola com sede em Oeiras – Piauí, os trabalhos da Anda eram voltado para a colonização de famílias, então a ANDA comprou algumas fazendas no Estado do Piauí, sendo colonizadas por famílias naquela época sem terras. Logo em seguida, o bispo com uma nova sede em Floriano, criou o projeto CEFAS Centro Educacional São Francisco de Assis, projeto que desenvolvia a capacitação dos produtores rurais nas comunidades ligadas a diocese, no CEFAS se trabalhava com vários setores como apicultura, caprinocultura, fruticultura, hortas comunitárias, agricultura orgânica e por fim o setor de comunidades que fazia o trabalho de organização das comunidades rurais, o CEFAS já capacitando os produtores nas comunidas, o bispo sentiu uma necessidade de desenvolver um projeto de apicultura na diocese, esse projeto tinha como objetivo principal melhorar alimentação das famílias. Implantou-se esse projeto, construindo estrutura para fabricação de colméias e iniciou as atividades com financiamento de pequenos projetos em 1989, Simplício Mendes foi contemplado com financiamento da diocese Oeiras – Floriano, onde as comunidades – produtores devolviam 100% do valor investido. Mesmo com o projeto CEFAS e com o treinamento dos apicultores o bispo percebeu que os aprendizados não estavam sendo colocados em prática, faltando algo que pudesse dar um certo acompanhamento as comunidades que estavam iniciando um processo de organização. O bispo desenvolveu um novo projeto denominado Projeto de Desenvolvimento Integral da Comunidades da diocese Oeiras – Floriano, então esse projeto tinha como objetivo principal dar um suporte tecnico as comunidades, principalmente as que trabalhavam com apicultura naquela época porque apesar de ter sido realizado vários curso ainda não era suficiente. Então o PDI – Projeto de Desenvolvimento Integral, contratou 5 agentes de pastoral social no qual Eu, José de Anchieta Moura era um deles, iniciamos um trabalho voltado para a organização das comunidades principalmente fundando as Associações de Pequenos Produtores nas comunidades, trabalhando a organização dos conselhos de pastoral das comunidades onde a gente tinha uma prioridade quanto a inserção

das mulheres principalmente nas organizações – associações, onde essas associações mesmo sendo criadas apenas os homens eram quem se associavam a essas associações e nós desenvolvemos um trabalho para incentivar a participação das mulheres e dos jovens nessas associações, para se inserirem na organização dos grupos comunitários. Em Dezembro de 1991 infelizmente nosso bispo faleceu e o padre Geraldo assumiu todos os trabalhos que inicialmente foram iniciados pela diocese, logo iniciou a ampliação da apicultura na região e todo esse trabalho era desenvolvido pela paróquia do Sagrado Coração de Jeus. Mais tarde em 2003, a paróquia foi dividida em função da criação da diocese de Floriano, ficando a diocese de Oeiras desmembrada de Floriano e aí com a criação de novas paróquias, essa nossa paróquia de Simplício Mendes que antes eram 8 municípios foi subdividida e hoje somos 5 paróquias na mesma área de abrangência, com a criação dessas novas paróquias o padre Geraldo foi assumir a nova paróquia de São Francisco de Assis que como pároco não poderia desenvolver essas atividades na mesma área então ele criou em Dezembro de 2004 a Fraternidade São Francisco de Assis onde tem como presidente nato o padre Geraldo. A Fraternidade se dedica a suas atividades através da articulação e coordenação da ação social no setor pastoral de Simplício Mendes, do incentivo a fundação e bom funcionamento de associações e comunidades eclesiais de base, da promoção de ações básicas com a finalidade de melhorar as condições de vida da população pobre, rural e urbana, também de ensaios de dinâmicas de participação das comunidades por contribuições materiais, da captação de recursos principalmente entre grupos inspirados pelos mesmos ideais evangélicos e fraternos da Fraternidade São Francisco de Assis, da execução direta de projetos, programas ou planos de ação através de recebimentos de recursos físicos, humanos e financeiros. A Fraternidade trabalha a partir da generosidade de doares e não administra recursos públicos. A Fraternidade São Francisco de Assis tem por sua inspiração básica a mística do evangelho de Jesus Cristo, a espiritualidade franciscana e a opção preferencial pelos pobres, essa inspiração chega a ações concretas aos pobres do sertão piauiense com as características do semi-árido nordestino e nessa linha de trabalho destaca-se sempre o aspecto da consciência ecológica, da preservação dos recursos naturais e da meta da evolução sustentável, sendo assim a Fraternidade vem desenvolvendo desde 2004 várias atividades como a apicultura, ovinocaprinocultura, avicultura, horticultura, agricultura orgânica, reflorestamento nativo e a construção de cisternas de placas além de outras atividades como construção de açudes, de barreiros, de passagens molhadas, apoio na frente de trabalho quando tem anos de seca na região. No caso da apicultura beneficiamos 35 comunidades em 10 municípios, nós beneficiamos aproximadamente 1200 famílias sendo que em torno de 930 estão organizadas

através da Cooperativa Mista dos Apicultores da Microregião de Simplício Mendes - COMAPI, nós temos aí em torno de 33 colmeias por família. Dentre vários projetos da Fraternidade o que mais se desenvolveu foi a apicultura que se iniciou em 1989 visto que todos tem a mesma metodologia, onde os produtores são financiados e devolvem 100% do valor investido na colméias, indumentárias e apetrechos e a unidade de extração que é uso coletivo e o decantador, centrífuga e mesa desorpeculadora entra como recurso não reembolsáveis, os produtores devolvem com a própria produção, 70% do mel produzido vem para ser comercializado e abater a dívida desses proprietários. Assim, ajuda de forma eficiente principalmente na organização dos grupos para que eles trabalhem em mutirão. Como falei anteriormente o Bispo Dom Edilberto faleceu em dezembro de 1991 e o padre Gereon assumiu a coordenação do projeto expandindo para mais 32 comunidades. Então em Dezembro de 1994 foi fundada a Associação de Apicultores da Microregião de Simplício Mendes – AAPI com 125 associados e em Março de 2007 nós criamos a Cooperativa Mista da Microregião de Simplício Mendes – COMAPI, que hoje assume todo o processo de comercialização do mel das comunidades rurais. Hoje o projeto de apicultura abrange 36 comunidades em 10 municípios beneficiando 1200 famílias, 930 famílias estão na COMAPI . São aproximadamente 33.000 mil colméias, uma média de 33 colméias por família. Como é que é a forma de trabalho das famílias nas comunidades? Como as abelhas os apicultores estão organizados em grupos de 4 a 6 famílias, nas comunidades os apicultores estão ligados as Associações de Pequenos Produtores sendo o apicultor encaminhado para filiação na COMAPI por estas associações comunitárias, em cada associação comunitária são eleitas 2 pessoas para coordenar os trabalhos na Casa do Mel garantindo a qualidade do mel colhido. Hoje a cooperativa se articula através da Assembléia Geral tem um conselho de administração e um conselho fiscal e ainda tem um setor administrativo, financeiro, técnico e de produção. A estrutura disponibilizada para essas comunidades é uma casa de mel completa em cada comunidade ou seja uma unidade de extração do mel, quatro caminhões para coleta de mel da cooperativa e o entreposto de mel preparado para embalar o produto fracionado, no caso, o mel é fracionado em bisnagas, potes, sachês, baldes de 15 e 25 kg e tambores com 300kg para exportação, o entreposto é cifado, registrado no Ministério da Agricultura e hoje mais de 80% da produção é exportada para Europa e Estados Unidos, nós temos uma marca registrada que é a Gota Silvestre e uma unidade de beneficiamento de cera para fazer o processo de alveolagem de cera para fornecimento aos apicultores. Nós contamos com o apoio técnico de três técnicos agrícolas da Fraternidade que são agentes da pastoral e dos técnicos do CEFAS, contamos ainda com o aporte técnico de instituições como o Serviço de

Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Federação das Entidades Apícolas - FEA e Empresa Brasileira de Agropecuária – EMBRAPA. E assim é que o trabalho vem dando certo, isso tem gerado uma boa renda para as famílias e a gente tem conseguido visualizar uma melhoria de vida para os apicultores. Nós conseguimos a melhoria do nível de organização das comunidades e a melhoria do relacionamento do apicultor com o meio ambiente pois quem cria abelha não quer derrubar a mata e também a diminuição do exôdo rural, isso é bem presente nas comunidades onde são desenvolvidos os trabalhos da Fraternidade São Francisco de Assis. Com todas essas atividades sendo desenvolvidas a gente percebe que a organização desses grupos está bem forte, mensalmente esses grupos se reúnem para discutir problemas e através do diálogo buscar soluções dos seus problemas. Nós da Fraternidade continuamos trabalhando no fortalecimento das associações comunitárias através das capacitações e acompanhamento direto, com o incentivo à questão de gênero fazendo com que as mulheres possam se engajar nessas atividades e principalmente com a formação dos jovens pois acreditamos que os jovens se inserindo nessas atividades se torna mais fácil a questão da manutenção e controle visto que isto é uma exigência do mercado consumidor e também como os órgãos que fiscalizam a produção.”

(RELATO CONCEDIDO POR JOSÉ DE ANCHIETA MOURA²⁶ em 01 de Setembro de 2014).

²⁶ Anchieta é um dos principais incentivadores da atividade apícola da região, inclusive durante outras entrevistas que fiz, quando perguntava as mulheres de onde partiu o incentivo, as respostas circulavam em torno do Padre Gereon e do Sr. Anchieta. Quando estive em Simplicio Mendes em Abril cheguei a entrevistar o Sr. Anchieta, posteriormente ele me enviou esta gravação via email, acredito que suas palavras retrataram o início da atividade e a compreensão de como está hoje, se tornando assim desnecessário o resumo desse relato, optando assim por expô-lo na íntegra.

ANEXO B- Diretrizes para produção do mel orgânico, segundo a Instrução Normativa Nº11, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA (BRASIL, 2000).

I. Local de instalação das colméias

- a) A área de coleta deve ser orgânica ou de mata nativa e de vegetação variada, para preencher as necessidades nutricionais da colônia e contribuir para a sua saúde.
- b) As colmeias devem estar instaladas em áreas organicamente manejadas. Como orientação, as distâncias das colmeias das áreas em que são usados agrotóxicos devem ser, pelo menos, de: até 30 colmeias: 1,5 km; de 31 a 50 colmeias: 2,0 km; mais de 50 colmeias: 3,0 km.
- c) Esses números são orientativos. Como a questão é complexa, a Certificadora levará em conta o pasto apícola, a existência de outros apiários nas vizinhanças, que concorrerão por alimentação e outros fatores que possam manter ou afastar as abelhas das regiões compreendidas naquelas distâncias.
- d) Para instalar um apiário, não poderá haver desmatamento.

II. Colmeias e manejo

- a) É proibido, na construção das colmeias, o uso de tintas, materiais de revestimento e outros materiais com efeitos tóxicos.
- b) É proibido o uso de telhas de amianto sobre as colmeias, devido à toxicidade deste produto; recomendam-se telhas de barro, zinco ou outro material atóxico.
- c) São proibidos os repelentes convencionais usados por quem coleta produtos apícolas ou inspeciona as colmeias.
- d) É permitida a coleta de abelhas silvestres, mas deve ser verificada a ausência de doenças nos enxames coletados.
- e) A aquisição de rainhas ou núcleos de abelhas deve ser feita em apiário de confiança do produtor orgânico; é permitida a aquisição de enxames em qualquer região, mas é vedada a comercialização do mel da primeira colheita de enxames provenientes de regiões de agricultura convencional.
- f) É proibida a inseminação artificial.
- g) Para a produção de fumaça, deve ser usada madeira sem tratamento químico ou materiais naturais, como palha de milho e outros. É proibido o uso de combustíveis como álcool, querosene e gasolina para iniciar a combustão.
- h) A cera alveolada usada nos quadros, para início da produção, deverá ser oriunda de apiário de confiança do apicultor orgânico.

III. Alimentação e higiene

- a) A alimentação artificial das colmeias deve ser exceção, para superar a escassez temporária de alimento, devida a condições climática anormais; nesse caso, deve haver comunicação por escrito à no prazo máximo de 48 horas. Nesse caso, alimentar com mel, melaço, açúcar mascavo ou cristal de origem orgânica, ou sal marinho.
- b) Extratos de ervas nativo também são permitidos, desde que sejam orgânicos.
- c) No tratamento da traça das colmeias não é permitida a utilização de naftalina, tetracloreto de carbono e cânfora.
- d) Para o controle de pragas e doenças e desinfecção das colmeias, são permitidos: Soda cáustica; Ácidos acético, oxálico, fórmico e láctico; Enxofre.
- e) Na limpeza e desinfecção das instalações, são permitidos detergentes biodegradáveis, soda cáustica e sabão; para os materiais e equipamentos de contato com o mel, devem ser utilizados água fervente, vapor e sabão de coco.
- f) Para controlar formigas, é proibido o uso de produtos químicos.

IV. Extração e processamento dos produtos

- a) Os equipamentos para extração e processamento dos produtos apícolas devem ser construídos com material inoxidável.
- b) As superfícies do equipamento de contato com o mel devem ser de aço inoxidável ou recoberto com camadas de cera obtida em apiário orgânico.
- c) O mel não pode ser aquecido a mais de 42° C.
- d) No varejo, o mel deve ser comercializado em recipientes de vidro. No atacado, poderão ser utilizados recipientes de plástico, desde que sejam atóxicos.

ANEXO C**FIGURA 11-** mel despejado na centrífuga da Casa do Mel.

Fonte: MATON, C. 2014.

FIGURA 12- Caminhão da Comapi recolhendo mel na casa de apicultor.

Fonte: MATON, C. 2014.

FIGURA 13- D. Adélia despachando o mel para a cooperativa.



Fonte: MATON, C. 2014.

FIGURA 14- Em visita a casa de D. Madalena (casal de apicultores) com D. Olinda.



Fonte: MARIA, A. 2014.